

# **MONITORIZAÇÃO AGROMETEOROLÓGICA E HIDROLÓGICA**

**31 de janeiro de 2026**

---

Ano Hidrológico 2025/2026

**Relatório do Grupo de Trabalho de assessoria técnica à  
Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos  
Efeitos da Seca**

## Índice

<b>1. Nota Introdutória</b> .....	<b>7</b>
<b>2. Avaliação meteorológica</b> .....	<b>9</b>
2.1. Temperatura.....	9
2.2. Precipitação.....	10
2.3. Situação de Seca Meteorológica .....	13
2.4. Evolução até ao final do mês .....	17
<b>3. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras</b> .....	<b>19</b>
3.1. Situação de Seca Hidrológica .....	22
3.2. Disponibilidades hídricas <i>versus</i> necessidades .....	25
<b>4. Águas Subterrâneas</b> .....	<b>28</b>
4.1. Comparação com o mês anterior.....	28
4.2. Análise dos níveis piezométricos .....	28
4.3. Massas de água em situação crítica e em vigilância .....	33
4.3.1. Massas de água em situação crítica.....	34
4.3.2. Massas de água em vigilância .....	35
4.4. Apreciação geral.....	35
<b>5. Reservas de água nas albufeiras de aproveitamento hidroagrícola</b> .....	<b>37</b>
5.1. Análise dos dados hidrométricos .....	39
5.2. Planeamento de contingência.....	39
<b>6. Agricultura e Pecuária</b> .....	<b>43</b>
6.1. Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspeto vegetativo das searas; variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado .....	43
6.2. Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior .....	43
6.3. Pomares de citrinos: estado vegetativo; produção, quanto aos aspectos de qualidade e quantidade. ....	44
6.5. Abeberamento dos animais .....	46
<b>7. Outras Informações</b> .....	<b>47</b>
7.1 Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros .....	47
7.2 Abastecimento público .....	49
7.3 Transferência do sistema Alqueva – Pedrogão .....	58

<b>8. Anexo I .....</b>	<b>63</b>
<b>9. Anexo II .....</b>	<b>68</b>
<b>10. Anexo III .....</b>	<b>69</b>

## Índice de Figuras

Figura 1 - Desvio da temperatura média do ar e percentagem de precipitação em relação à normal 1991-2020 no mês de janeiro (período 1941 – 2026) (Fonte: IPMA).....	9
Figura 2 - Anomalias da temperatura média do ar no mês de janeiro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA) .....	9
Figura 3 - Evolução diária da temperatura do ar de 1 a 31 de janeiro de 2026 em Portugal continental (Fonte: IPMA).....	10
Figura 4 - Anomalias da quantidade de precipitação, no mês de janeiro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA) .....	11
Figura 5 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (média concelho) em janeiro (esquerda) e no ano hidrológico 2025/2026 (direita), em relação à normal climatológica 1991-2020 (Fonte: IPMA).....	12
Figura 6 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (média concelho) em janeiro (esquerda) e no ano hidrológico 2025/2026 (direita), em relação à normal climatológica 1991-2020 (Fonte: IPMA).....	13
Figura 7 - Água no solo (média 0-100 cm profundidade), em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas (ECMWF) a 31 de dezembro 2025 e a 31 de janeiro 2026. Variação entre solo totalmente seco (0) e solo saturado ou sobressaturado (SAT) (Fonte: IPMA). 14	
Figura 8 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica (média concelho) a 31 de dezembro 2025 e a 31 de janeiro 2026 (Fonte: IPMA).....	15
Figura 9 - Distribuição espacial do índice SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de janeiro 2026 .....	17
Figura 10 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI calculado com base em cenários de precipitação para o mês de fevereiro de 2026 (Fonte: IPMA) .....	18
Figura 11 - Situação das albufeiras em dezembro de 2025 (esquerda) e em janeiro de 2026 (direita).....	19
Figura 12 - Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, em 31 de janeiro de 2026 e de 2025 (Fonte: APA) .....	20
Figura 13 - Evolução do armazenamento desde outubro de 2024 até 31 de janeiro de 2026, comparativamente à média (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA) .....	22
Figura 14 - Níveis de seca hidrológica no mês de dezembro de 2025 (esquerda) e em janeiro de 2026 (direita) (Fonte: APA).....	23
Figura 15 - Nível de armazenamento em janeiro de 2026 e os níveis de alerta de seca hidrológica correspondentes a 31 de janeiro (Fonte: APA) .....	24

Figura 16- Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira do Monte da Rocha (Fonte: APA) .....	25
Figura 17 - Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira da Bravura .....	26
Figura 18 - Evolução dos volumes armazenados na albufeira de Santa Clara (31/01/1994 a 31/01/2026) .....	26
Figura 19 - Níveis de armazenamento nas seis albufeiras da Região do Algarve a 31 de janeiro de 2026 e comparação com os valores de armazenamento observados a 31 de janeiro de 2025 (Fonte: APA) .....	27
Figura 20 - Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre dezembro de 2025 (esquerda) e janeiro de 2026 (direita) (Fonte: APA). .....	28
Figura 21 – Metodologia de avaliação das massas de água em situação crítica e de vigilância (Fonte: APA). .....	34
Figura 22 - Localização das albufeiras monitorizados pela DGADR (Fonte: DGADR) .....	37
Figura 23 - Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório.....	39
Figura 24 - Disponibilidades hídricas nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório .....	40
Figura 25 - Número de abastecimentos públicos (Fonte: ANEPC).....	47
Figura 26 - Volume total armazenado (valores médios) a 31/01 nas albufeiras usadas pelas empresas do grupo AdP para abastecimento público – evolução entre 2023 e 2026 (Fonte: AdP) .....	49
Figura 27 - Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/01/2026 nas albufeiras das empresas AdN e AdDP para abastecimento público. (Fonte: AdP). ....	51
Figura 28- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/01/2026 nas albufeiras das empresas EPAL e AdVT para abastecimento público. (Fonte: AdP). .....	52
Figura 29- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/01/2026 nas albufeiras das empresas AdSA, AgdA e AdA para abastecimento público. (Fonte: AdP)..	53
Figura 30 - Pontos de medição apresentados nas tabelas – Sistema Alqueva-Pedrogão .	61

## Índice de tabelas

Tabela 1 - Resumo da monitorização em situação normal .....	7
Tabela 2 - Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre outubro de 2025 e janeiro de 2026 (Fonte: IPMA) .....	15
Tabela 3 - Armazenamentos nas albufeiras em janeiro, com tendências evolutivas e previsões para a campanha (Sistema de Informação do Regadio – SIR, <a href="http://sir.dgadr.gov.pt/reservas">http://sir.dgadr.gov.pt/reservas</a> ) .....	38
Tabela 4 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (27 de janeiro de 2026), de aproveitamentos hidroagrícolas, monitorizados pela DRAPN (Fonte: CCDR Norte) .....	41
Tabela 5 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (30 de janeiro de 2026), de aproveitamento hidroagrícolas (Fonte: DRAP Centro) .....	42
Tabela 6 - Resumo do ponto de situação: volume total armazenado (%) nas albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público a 31/01/2026 (Fonte: AdP) .....	49
Tabela 7 - Ponto de situação, a 31/01, das albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público: volume total armazenado (hm <sup>3</sup> e %) (comparação entre 2023 e 2026) (Fonte: AdP) .....	50
Tabela 8 - Monitorização das situações críticas e respetivas medidas de adaptação e mitigação (em atualização) (Fonte: AdP) .....	54
Tabela 9 - Cotas e volumes do sistema Alqueva-Pedrogão, referentes a 01/02/2026 (Fonte: EDIA) .....	58
Tabela 10 - Volumes mensais transferidos (hm <sup>3</sup> ) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/02/2026 (Fonte: EDIA) .....	58

## 1. Nota Introdutória

O presente relatório foi elaborado com o objetivo de assegurar uma Monitorização Agrometeorológica e Hidrológica, para que fique reunida a informação suficiente para avaliação das disponibilidades hídricas em Portugal Continental.

Esta monitorização consta da compilação dos parâmetros acompanhados pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I. P. (IPMA), pelo Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), em ligação com as Direções Regionais de Agricultura e Pescas (DRAP) e com Instituto Nacional de Estatística (INE), pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA), pela Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), pela Autoridade Nacional Emergência Proteção Civil (ANEPC), pela Águas de Portugal (AdP) e ainda com a informação disponibilizada pela Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva (EDIA), Tabela 1.

Tabela 1 - Resumo da monitorização em situação normal

Parâmetro	Organismo	Periodicidade
Precipitação, Teor de Água no Solo, Temperatura do ar e Previsões meteorológicas (temperatura e precipitação)	IPMA	Mensal
Agricultura de Sequeiro e Pecuária Extensiva	GPP/DRAP/INE	Mensal
Armazenamento de Água Subterrânea	APA	Mensal
Armazenamento de Água Superficial (albufeiras)	APA	Semanal
Armazenamento nas Albufeiras dos Aproveitamentos Hidroagrícolas Grupo 2 e algumas do Grupo 3	DGADR	Semanal
Armazenamento nas Albufeiras utilizadas para produção de água para abastecimento público	AdP	Mensal
Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros	ANEPC	Mensal
Transferências do sistema Alqueva-Pedrogão	EDIA	Mensal

A presente abordagem está prevista no Plano de Prevenção, Monitorização e Contingência para Situações de Seca, aprovado pela Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca (CPPMAES), criada pela Resolução de Conselho de Ministros nº 80/2017, de 7 de junho.

Este diploma criou também um Grupo de Trabalho com o objetivo de assessorar tecnicamente a Comissão, que tem, de entre outras, a função de:

*“Produzir relatórios mensais de monitorização dos fatores meteorológicos e humidade do solo, das atividades agrícolas e dos recursos hídricos, cuja periodicidade deve ser intensificada*

*quando seja detetada uma situação de anomalia ou declarada uma situação de seca, sendo que nestas situações os relatórios passam também a incluir as estimativas de consumo ou utilização pelas principais atividades, nomeadamente o abastecimento público, a agricultura, a produção de energia e a indústria com maiores consumos de água.”*

Nos relatórios poderão ser sempre incluídos temas que seja oportuno dar a conhecer, sejam de caracterização das condições, sejam de divulgação de recomendações ou de decisões técnicas e políticas assumidas.

Essas vertentes enquadrar-se-ão no referido Plano, que, apresentando-se estruturado em três eixos de atuação - Prevenção, Monitorização e Contingência - contempla temas como a determinação de limiares de alerta, a definição de metodologias para avaliação do impacto dos efeitos de uma seca, a conceção de manuais de procedimentos para padronização da atuação, a disponibilização de planos de contingência e a preparação prévia de medidas para mitigação de efeitos da seca.

Este relatório de monitorização agrometeorológica e hidrológica, relativo a 31 de janeiro de 2026, é o centésimo décimo primeiro produzido no contexto legislativo referido e o quarto do ano hidrológico em curso (2025/2026).

## 2. Avaliação meteorológica

### 2.1. Temperatura

O mês de janeiro de 2026 em Portugal continental classificou-se como quente em relação à temperatura do ar e muito chuvoso em relação à precipitação, Figura 1.

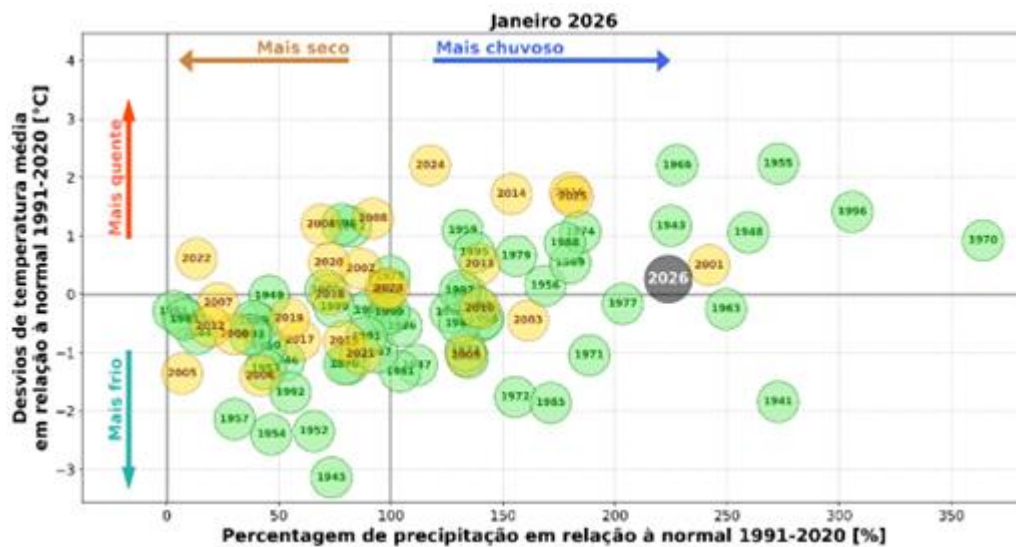


Figura 1 - Desvio da temperatura média do ar e percentagem de precipitação em relação à normal 1991-2020 no mês de janeiro (período 1941 – 2026) (Fonte: IPMA)

O mês de janeiro em Portugal continental foi o 12º mais quente desde 2000 (mais quente: 1955 com 11.28 °C). O valor médio da temperatura média do ar, 9.30 °C, registou um desvio de +0.26 °C em relação à normal 1991-2020, Figura 2. Valores de temperatura média do ar superiores a deste mês ocorreram em 30% dos anos desde 1931.

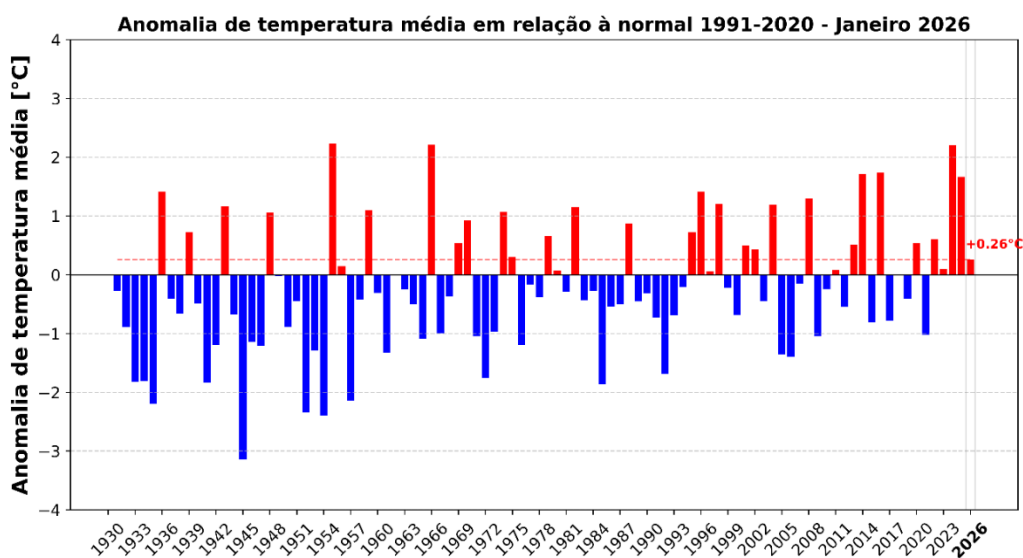


Figura 2 - Anomalias da temperatura média do ar no mês de janeiro, em Portugal continental, em relação

aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)

O valor médio da temperatura máxima do ar, 12.82 °C, foi o 6º valor mais baixo desde 2000 (mais baixo em 1945 com 9.87 °C), com uma anomalia negativa de 0.53 °C. O valor médio da temperatura mínima do ar, 5.78 °C, foi +1.04 °C acima do valor médio, sendo o 8º valor mais alto desde 2000. Valores de temperatura mínima do ar superiores ao deste mês ocorreram em 25% dos anos desde 1931.

Durante o mês de janeiro verificou-se uma alternância nos valores diários da temperatura do ar em relação ao valor médio mensal, com destaque para as anomalias positivas nos períodos de 2 a 4, 11 a 14 e 25 a 31 e as anomalias negativas nos períodos de 5 a 8 e de 15 a 20 de janeiro. De salientar que as anomalias mais significativas foram registadas nos valores da temperatura mínima Figura 3.

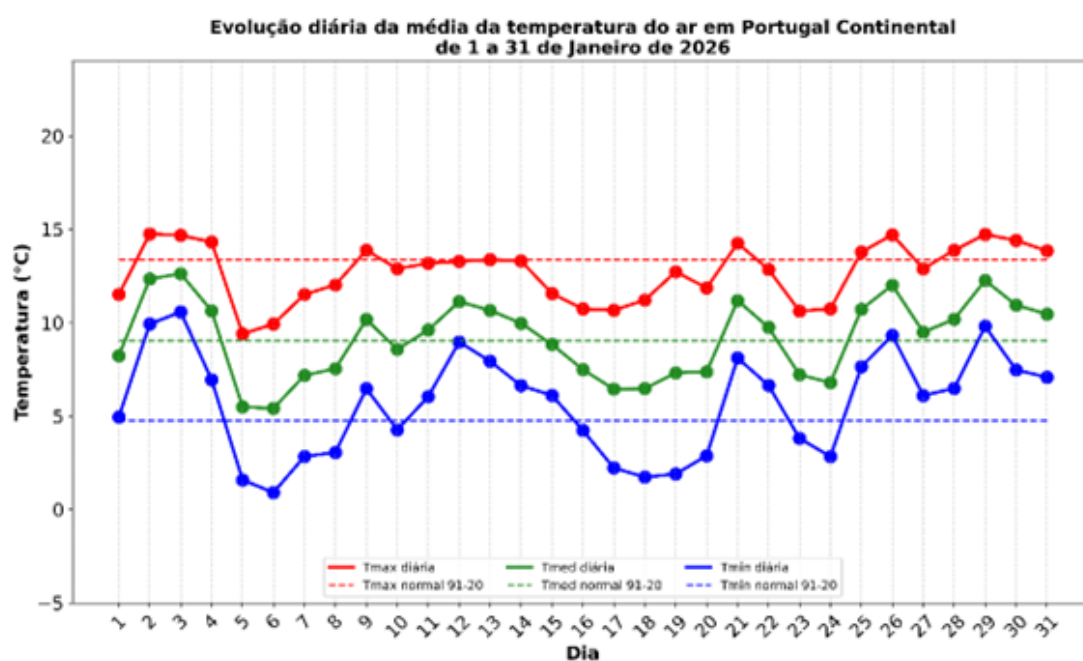


Figura 3 - Evolução diária da temperatura do ar de 1 a 31 de janeiro de 2026 em Portugal continental (Fonte: IPMA)

## 2.2. Precipitação

Em relação à precipitação (Figura 4) o total mensal, 235.0 mm (Figura 8), foi muito superior ao valor médio 1991-2020 (+130.0 mm), sendo o 2º mais chuvoso desde 2000 e o 14º desde 1931 (mais chuvoso 1970, 382.5 mm).

Valores de precipitação superiores aos registados neste mês de janeiro ocorreram em 15% dos anos desde 1931. Depois de 6 anos consecutivos (2017 a 2023) com precipitação inferior ao normal, os últimos 3 janeiros registaram valores acima da média.

Durante este mês destaca-se a passagem de 5 depressões em Portugal continental (Francis, Goreti, Ingrid, Joseph e Kristin) assim como, superfícies frontais e linhas de instabilidade, associadas a depressões que se deslocavam a noroeste de Portugal continental. De referir o período entre 22 e 28 de janeiro, com a passagem consecutiva de três tempestades, Ingrid, Joseph e Kristin, que originaram vários dias consecutivos com precipitação intensa, por vezes sob forma de aguaceiros fortes e rajadas de vento fortes.

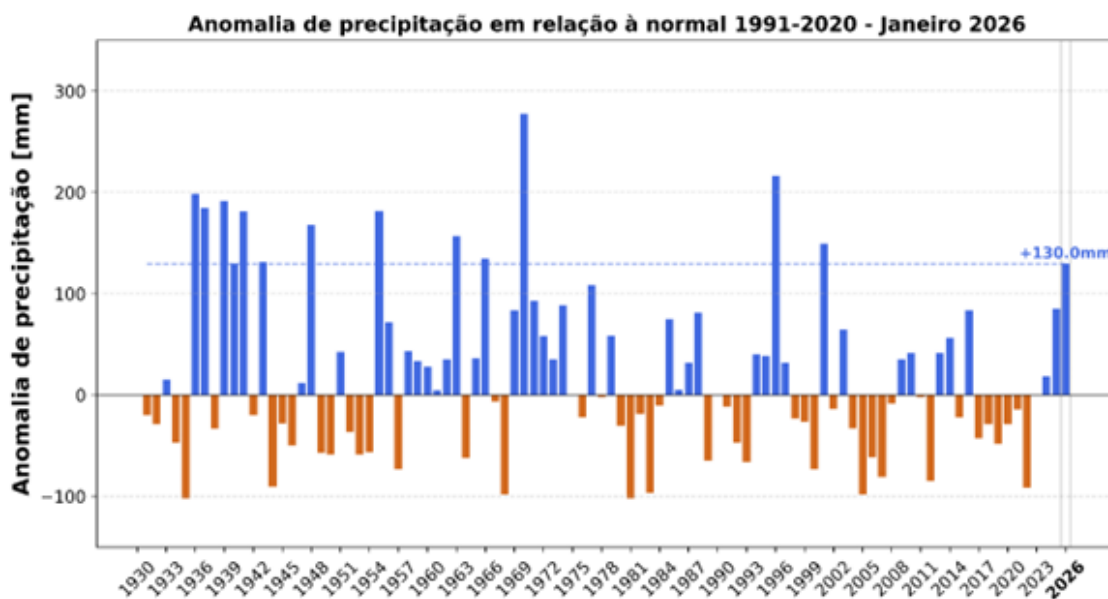


Figura 4 - Anomalias da quantidade de precipitação, no mês de janeiro, em Portugal continental, em relação aos valores médios no período 1991-2020 (Fonte: IPMA)

Em termos de distribuição espacial, os valores de precipitação em janeiro foram muito superiores ao valor normal 1991-2020 em todo o território, destacando-se a região de vale do Tejo, Alentejo e barlavento Algarvio, com valores totais de precipitação 3 a 4 vezes o valor médio, Figura 6 esquerda.

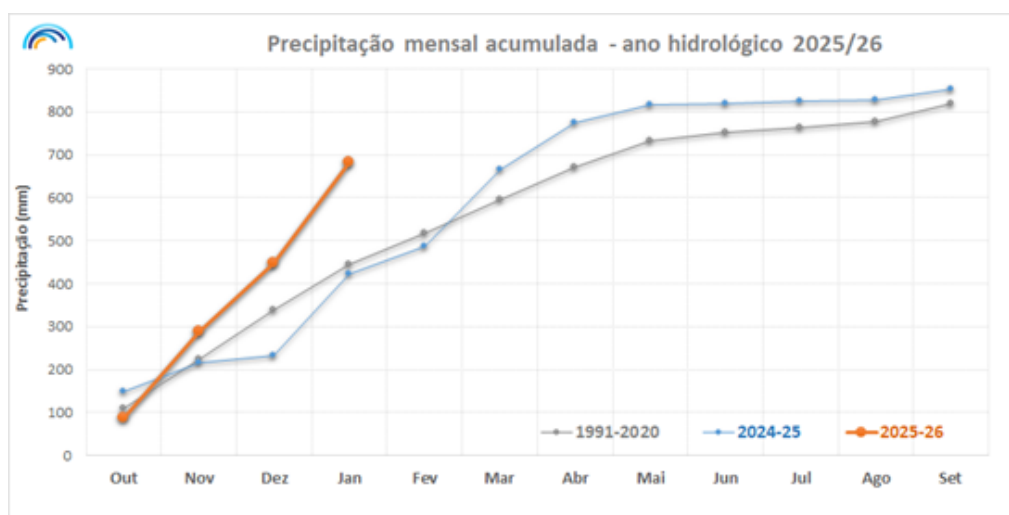
O maior valor mensal da quantidade de precipitação em janeiro 2026 (valor médio concelho) foi registado no concelho de V. Nova de Cerveira, 586.9 mm e o menor valor no concelho de V. Real Santo António, 114.2 mm. O valor mais elevado de percentagem de precipitação em janeiro, em relação ao valor médio, 338%, verificou-se no concelho de Silves e o valor mais baixo, 153%, no concelho de Idanha-a-Nova.

O valor da quantidade de precipitação acumulada no ano hidrológico 2025/2026<sup>1</sup>, até final de janeiro, 682.1 mm (Figura 5), corresponde a 154% do valor normal 1991-2020.

Até à data e para o período 1 outubro 25 a 31 janeiro 26, corresponde ao 2º mais chuvoso desde 2000 e 10º desde 1931. O ano hidrológico mais chuvoso depois de 2000, foi 2000/2001, que à mesma data registava + 115 mm em relação a 2025/2026.

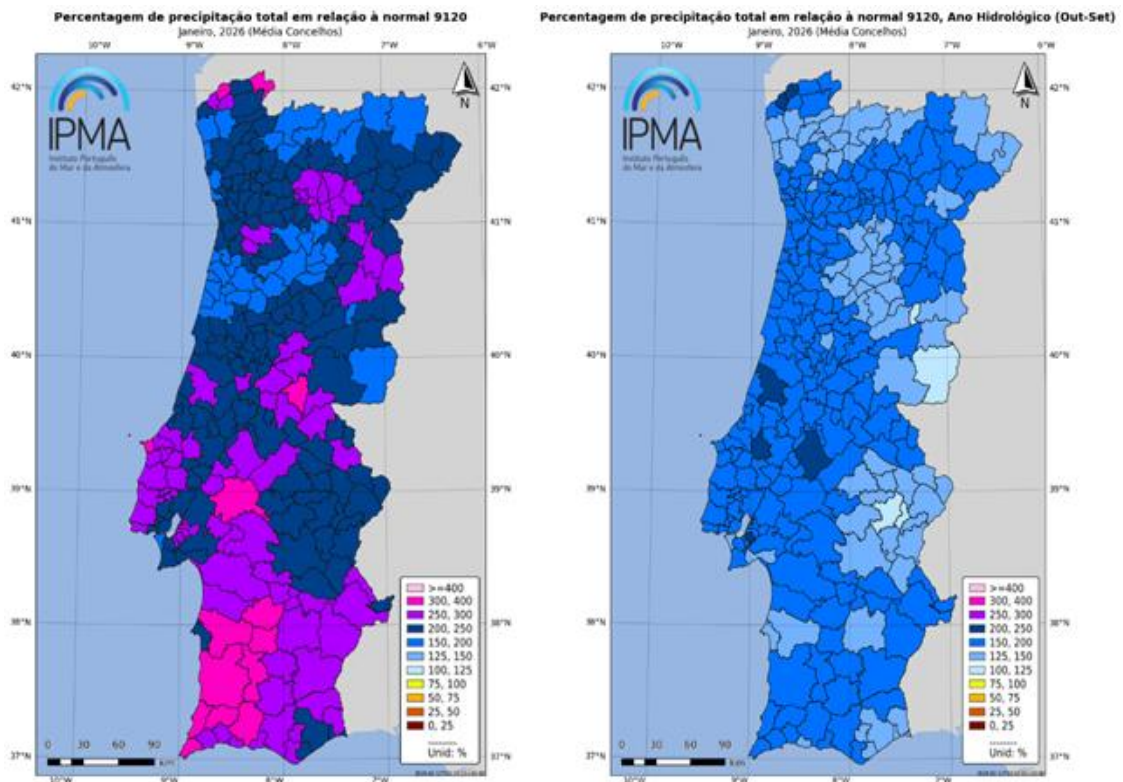
Em termos espaciais, os valores da quantidade de precipitação acumulada no ano hidrológico 2025/2026 são superiores ao normal em todo o território, com grande parte dos concelhos com totais acumulados de 1.5 a 2 vezes o valor médio, Figura 6, direita.

O valor mais elevado de percentagem de precipitação no ano hidrológico, em relação ao valor médio, 232%, verificou-se no concelho de Valença do Minho e o valor mais baixo, 102%, no concelho de Idanha-a-Nova.



**Figura 5 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (média concelho) em janeiro (esquerda) e no ano hidrológico 2025/2026 (direita), em relação à normal climatológica 1991-2020 (Fonte: IPMA)**

<sup>1</sup>Ano hidrológico: 1 de outubro de 2025 a 30 de setembro de 2026.



**Figura 6 - Distribuição espacial da percentagem da precipitação total (média concelho) em janeiro (esquerda) e no ano hidrológico 2025/2026 (direita), em relação à normal climatológica 1991-2020 (Fonte: IPMA)**

### 2.3. Situação de Seca Meteorológica

#### Índice de Água no Solo (SMI)

Na Figura 7, apresenta-se o produto água no solo (AS) a 31 de dezembro de 2025 e a 31 de janeiro de 2026.

Verificou-se um aumento dos valores de percentagem de água no solo em todo o território, com quase todos os concelhos acima da capacidade de campo (saturação dos solos). Valores acima da capacidade de campo devem ser interpretados como sinal de excesso hídrico, e não como saturação permanente, sendo uma fase dinâmica e dependente do tipo de solo e das condições meteorológicas.

Desta forma, com exceção de alguns concelhos do Alentejo, todos os restantes concelhos apresentam valores de água no solo nos níveis de saturação, onde todos os poros do solo (macroporos e microporos) estão completamente preenchidos com água, não restando ar.

Alguns concelhos do Norte e Centro (cor azul escura), estão já ao nível da saturação total do solo (sobressaturação), o que indica que o solo contém mais água do que a sua capacidade total de retenção de poros aumentando o risco de inundações e colapso do solo.

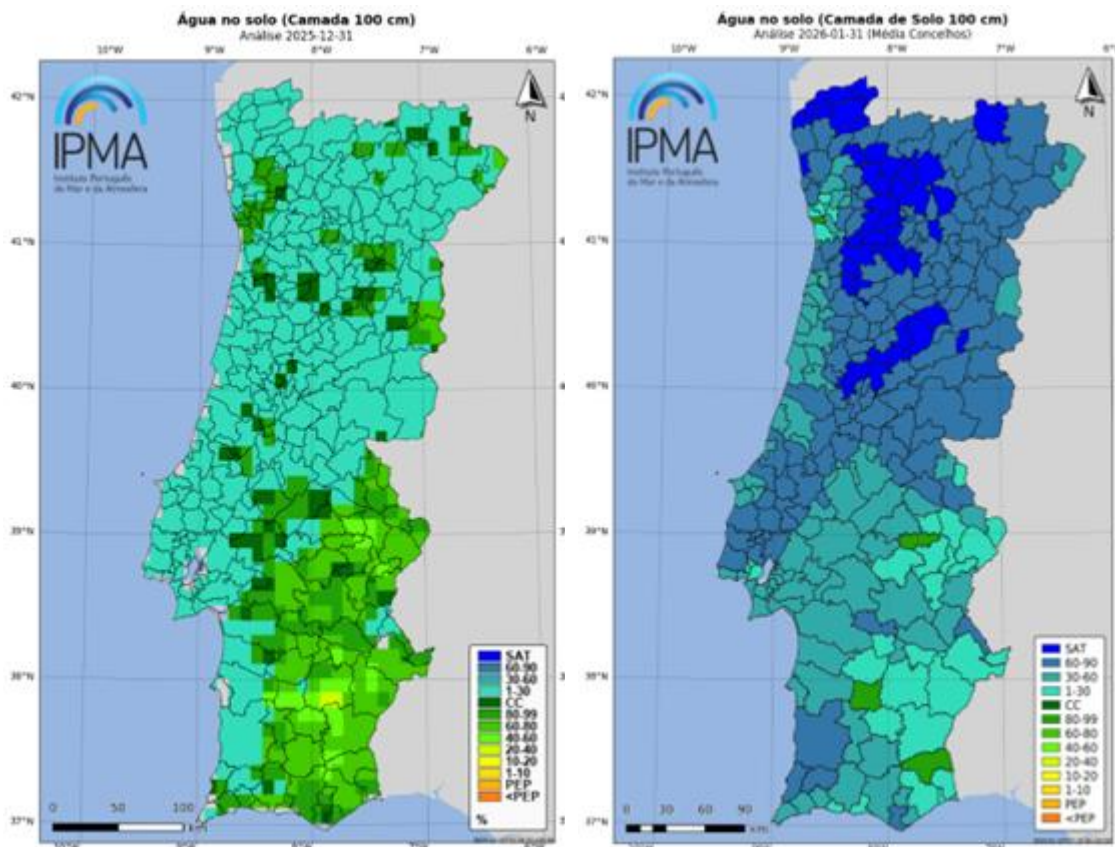


Figura 7 - Água no solo (média 0-100 cm profundidade), em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas (ECMWF) a 31 de dezembro 2025 e a 31 de janeiro 2026. Variação entre solo totalmente seco (0) e solo saturado ou sobressaturado (SAT) (Fonte: IPMA)

### Índice de Seca - PDSI

De acordo com o índice PDSI, não existia seca meteorológica em Portugal Continental, estando todos os concelhos nas classes de chuva (moderada a extrema):

A distribuição percentual por classes do índice PDSI no território continental, no final de janeiro é a seguinte: 8.3% na classe de chuva extrema, 61.7% na classe chuva severa, 29.0% na classe chuva moderada, 1.0% na classe de chuva fraca.

Na Tabela 1 apresenta-se a percentagem, mensal, do território Continental nas várias classes do índice PDSI, entre outubro 2025 e janeiro 2026.

Tabela 2 - Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre outubro de 2025 e janeiro de 2026

(Fonte: IPMA)

Classes PDSI	31 Out 2025 (%)	30 Nov 2025 (%)	31 Dez 2025 (%)	31 Jan 2026 (%)
<b>Chuva extrema</b>	0.0	0.0	0.0	<b>8.3</b>
<b>Chuva severa</b>	0.0	0.0	4.4	<b>61.7</b>
<b>Chuva moderada</b>	0.0	12.0	23.5	<b>29.0</b>
<b>Chuva fraca</b>	1.2	37.7	45.7	<b>1.0</b>
<b>Normal</b>	32.4	29.7	26.4	<b>0.0</b>
<b>Seca Fraca</b>	31.8	20.6	0.0	0.0
<b>Seca Moderada</b>	27.9	0.0	0.0	0.0
<b>Seca Severa</b>	6.7	0.0	0.0	<b>0.0</b>
<b>Seca Extrema</b>	0.0	0.0	0.0	<b>0.0</b>

A Figura 8 apresenta-se a distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI, em termos médios por concelho (PDSI), 31 de dezembro de 2025 e a 31 de janeiro de 2026.

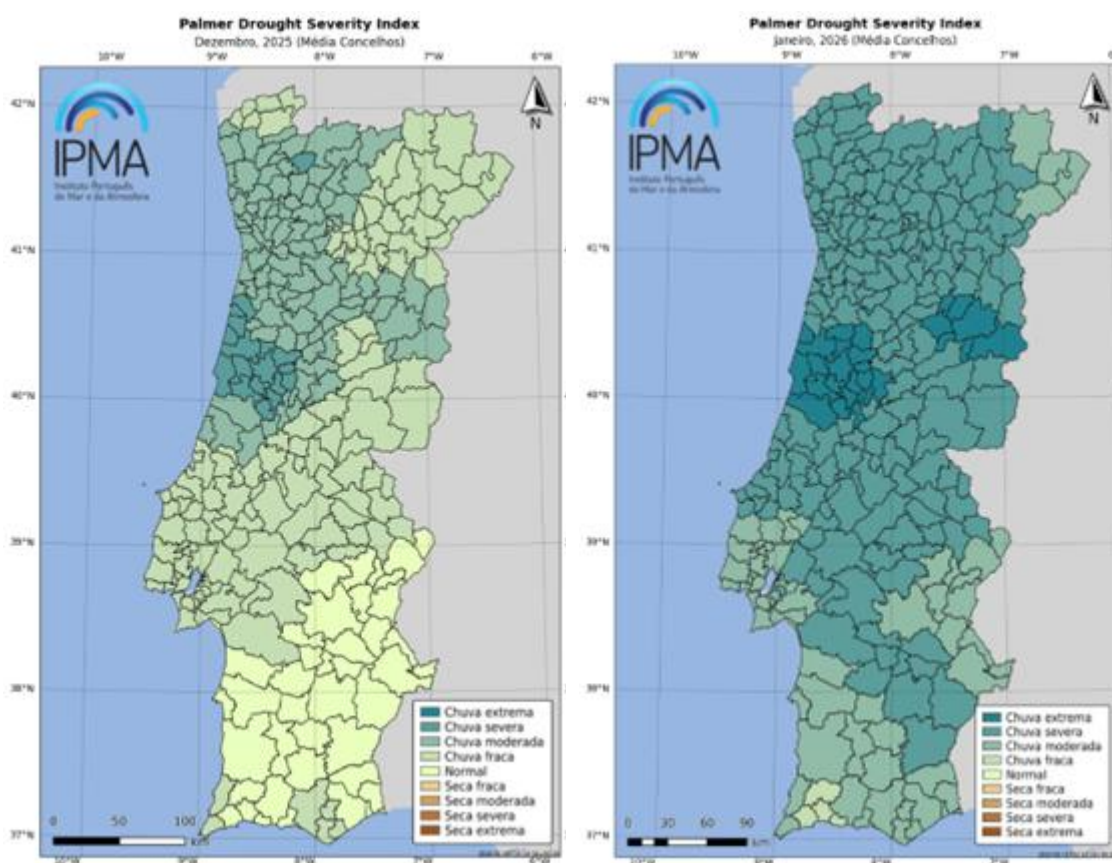
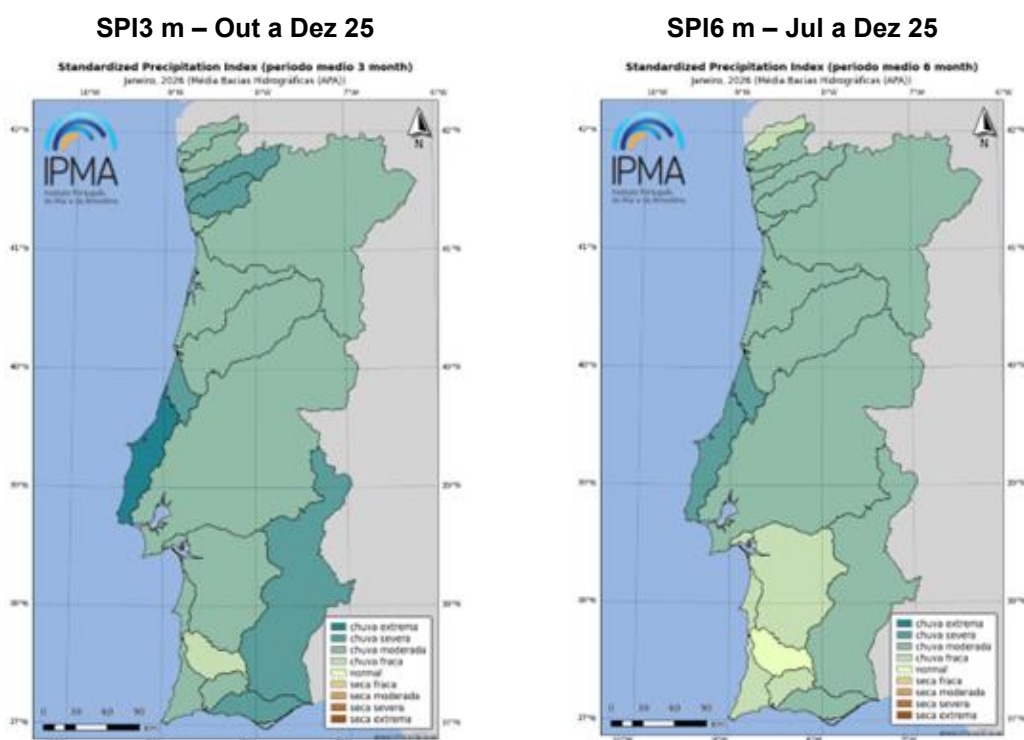


Figura 8 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica (média concelho) a 31 de dezembro 2025 e a 31 de janeiro 2026 (Fonte: IPMA)

## Índice de seca SPI

O índice SPI (Standardized Precipitation Index- Índice padronizado de precipitação) quantifica o défice ou o excesso de precipitação em diferentes escalas temporais, que refletem o impacto da seca nas diferentes disponibilidades de água. Na Figura 9 , apresenta-se o SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de janeiro para as principais bacias hidrográficas do território (valor médio por bacia).

Devido à precipitação ocorrida nos últimos meses, nenhuma bacia se encontra nas classes de seca no final de janeiro, tanto nas escalas mais curtas como nas mais longas.



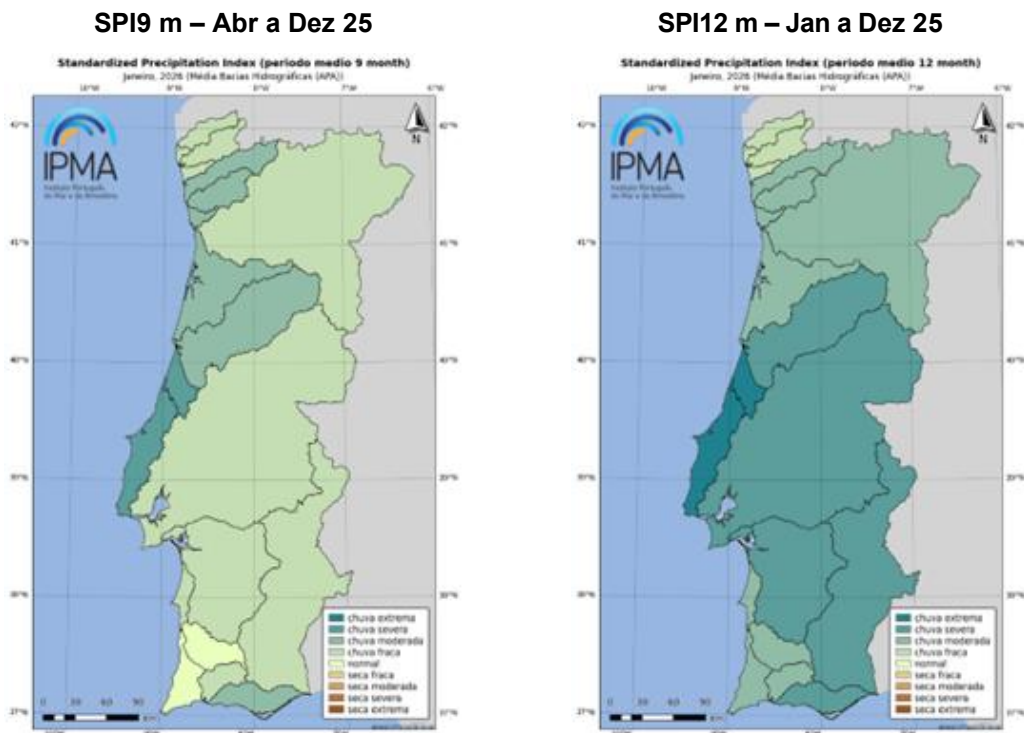


Figura 9 - Distribuição espacial do índice SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de janeiro 2026  
(Fonte: IPMA)

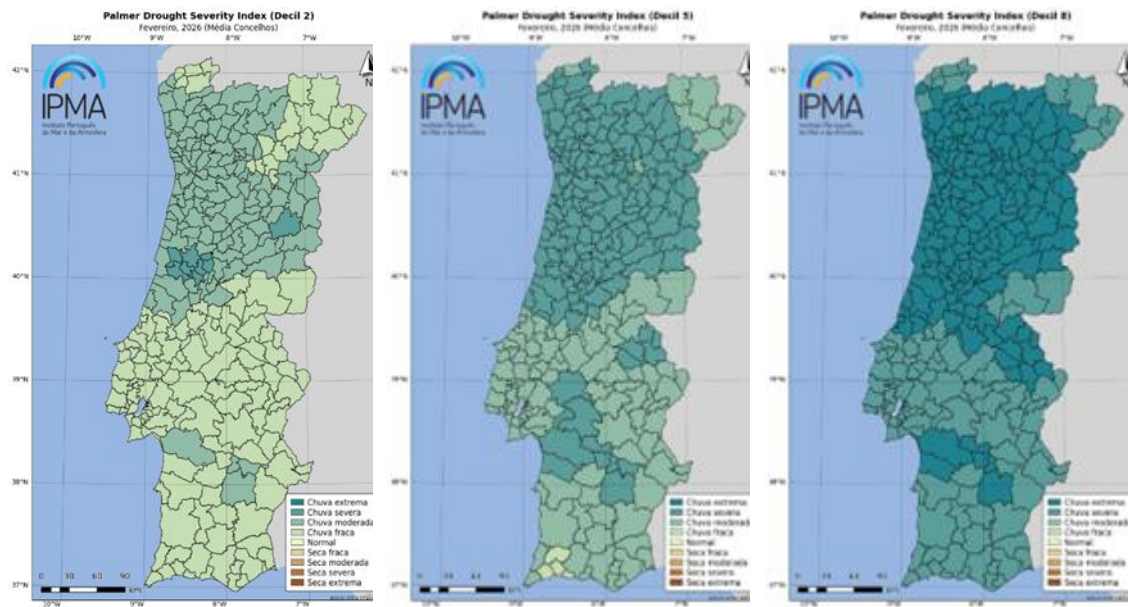
#### 2.4. Evolução até ao final do mês

A evolução da situação de seca para o mês seguinte baseia-se na estimativa do índice PDSI, para cenários diferentes de ocorrência da quantidade de precipitação. Assim, tendo em conta a situação no final de janeiro, consideram-se os seguintes cenários para a precipitação em fevereiro, Figura 10:

**Cenário 1 (2º decil – D2)** - Valores da quantidade de precipitação inferiores ao normal (valores inferiores ocorrem em 20% dos anos): sem seca meteorológica em todo o território e desagravamento das classes de chuva.

**Cenário 2 (5º decil – D5)** – Valores da quantidade de precipitação próximos do normal: situação idêntica a 31 de janeiro.

**Cenário 3 (8º decil – D8)** – Valores da quantidade de precipitação superiores ao normal (valores superiores ocorrem em 20% dos anos): sem seca meteorológica em todo o território e agravamento das classes de chuva.



**Figura 10 - Distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI calculado com base em cenários de precipitação para o mês de fevereiro de 2026 (Fonte: IPMA)**

**Previsão mensal do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo (ECMWF)<sup>2</sup>:**

Segundo a previsão a médio e longo prazo, a interpretação das previsões do Multisistema-C3S e do modelo do Centro Europeu de Previsão a Médio Prazo mostram a seguinte tendência para as próximas semanas:

**Semana 23/02 a 01/03** – Anomalia positiva: valores acima do normal, para as regiões Norte e Centro (1 a 30 mm).

**Semana 02/03 a 08/03** – Sem sinal: Não é possível identificar a existência de sinal estatisticamente significativo.

Tendo em conta a previsão para as próximas semanas, com valores de precipitação superiores ao normal, é expectável que continue a não existir seca meteorológica em Portugal continental.

<sup>2</sup> <http://www.ipma.pt//pt/otempo/prev.longo.prazo/mensual/index.jsp?page=prev-182015.html>

### 3. Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras

Em 31 de janeiro de 2026, comparativamente ao último dia do mês anterior, registou-se uma descida em duas bacias hidrográficas e uma subida em quinze bacias analisadas, Figura 11.

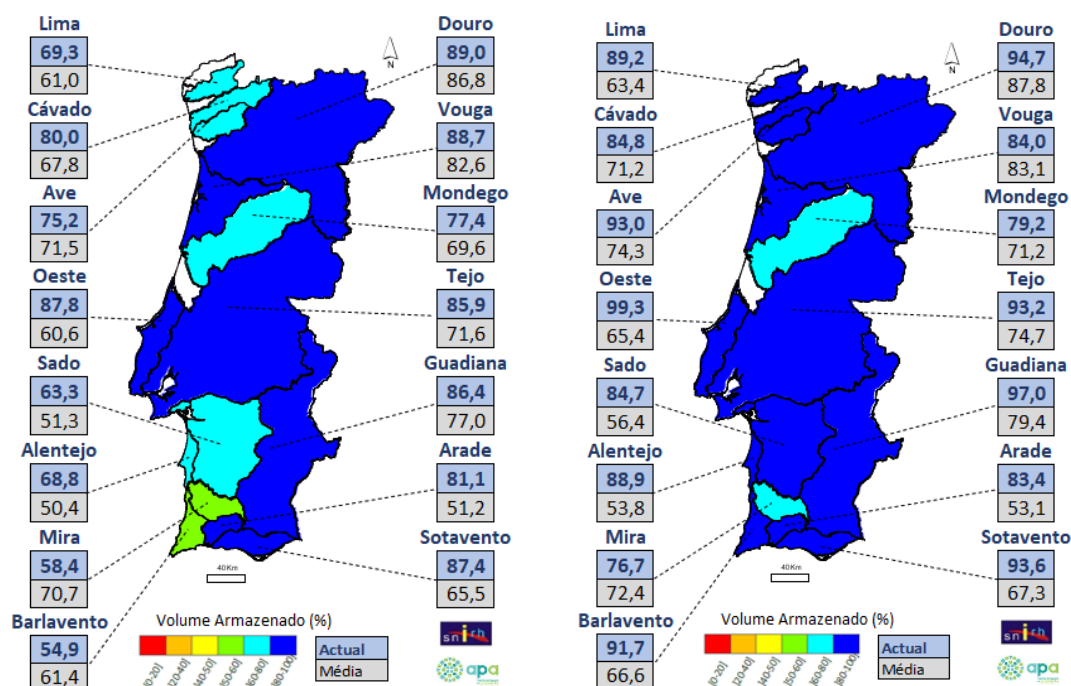
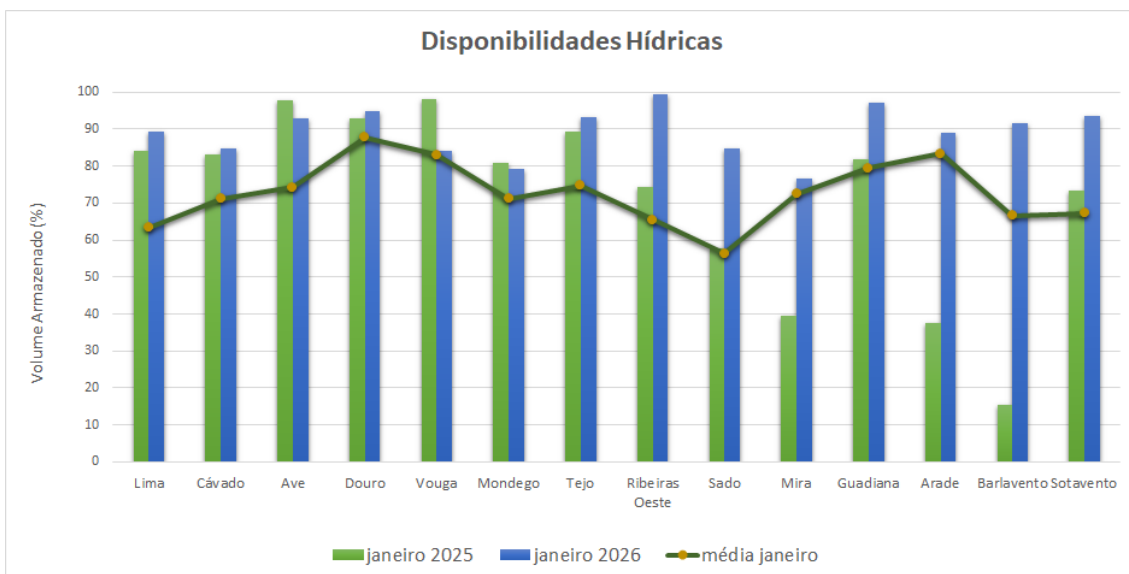


Figura 11 - Situação das albufeiras em dezembro de 2025 (esquerda) e em janeiro de 2026 (direita)  
(Fonte: APA)

Os armazenamentos em 31 de janeiro de 2026 por bacia hidrográfica apresentam-se superiores às médias de armazenamento de referência para o mês de janeiro (1990/91 a 2023/24).

Na Figura 12 é possível observar que as bacias hidrográficas estão acima dos valores observados em janeiro de 2025, com exceção, nas bacias do Ave, do Vouga e do Mondego. Esta situação deve-se ao facto de as barragens estarem a efetuar descargas para ganhar capacidade de encaixe, face às previsões meteorológicas de precipitação elevada.

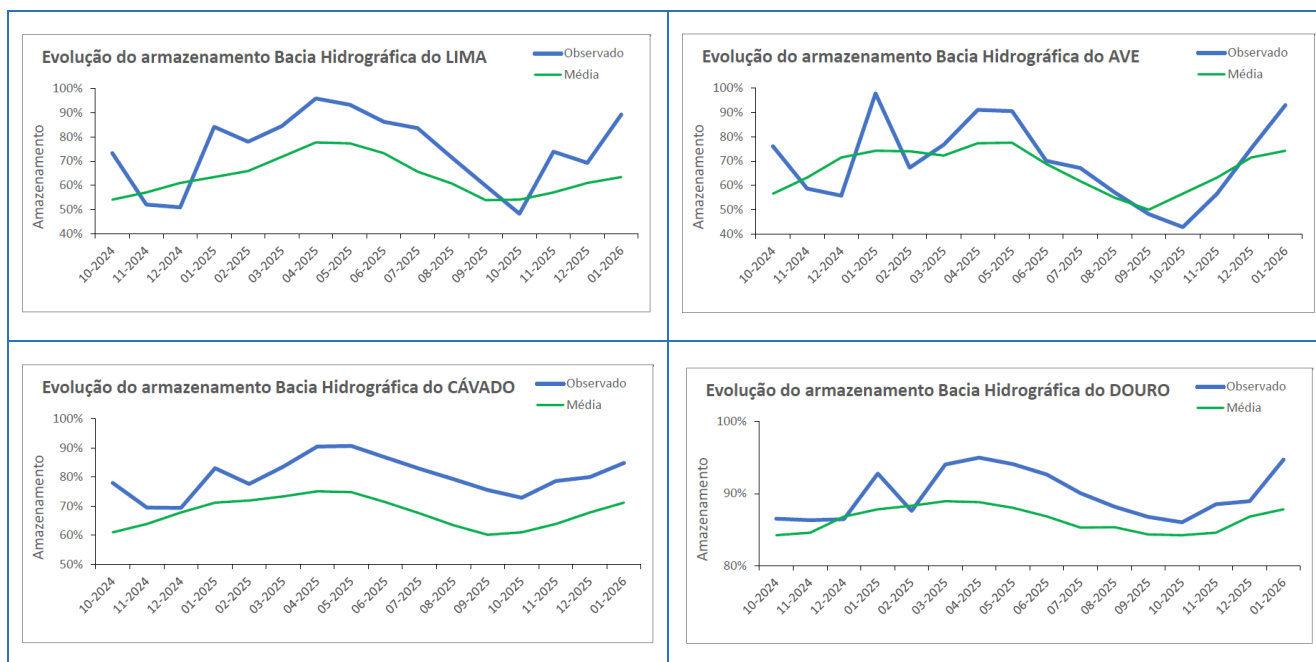
Importa referir que as bacias hidrográficas do Mira e do Barlavento, apresentam volumes armazenados superiores às médias de referência

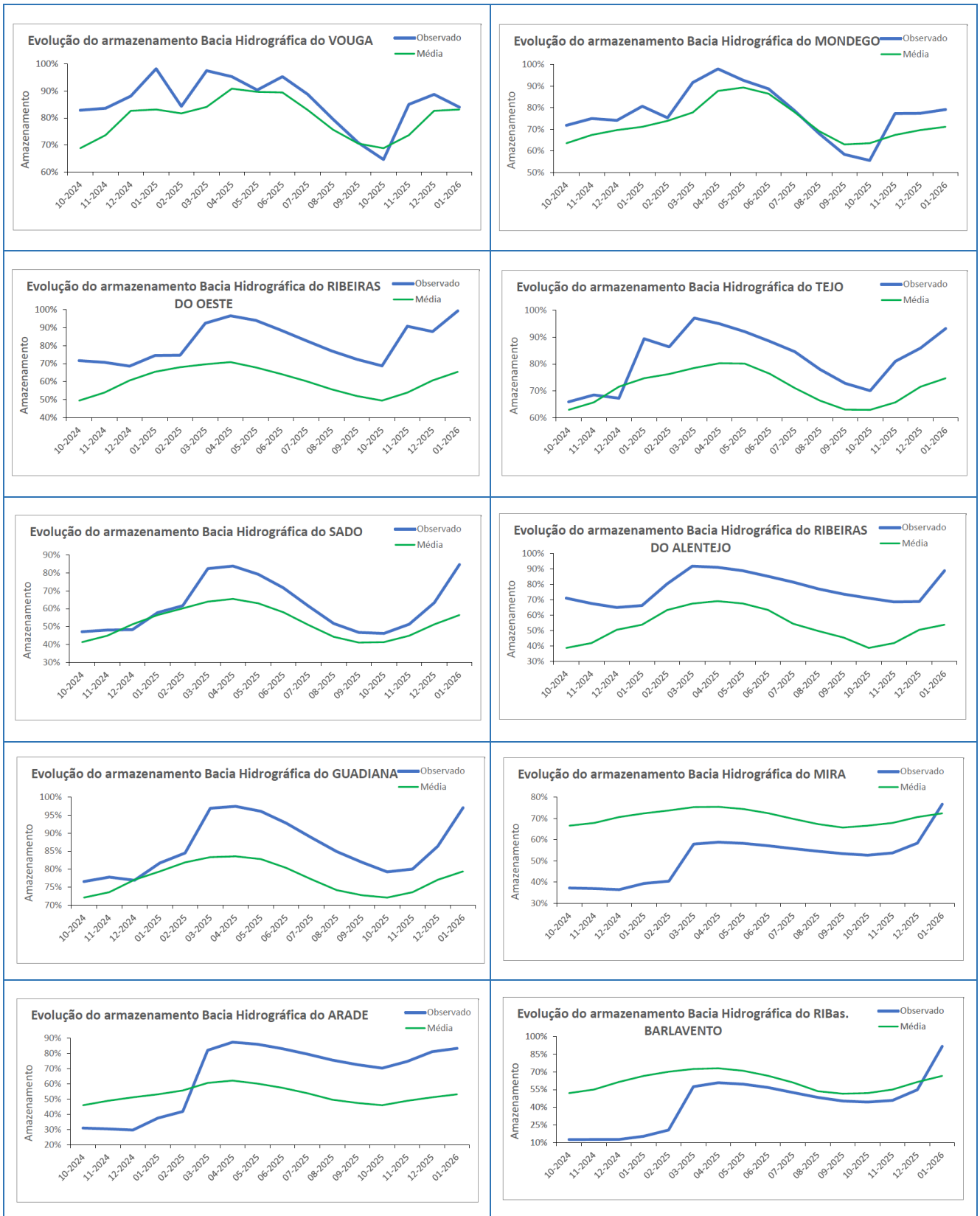


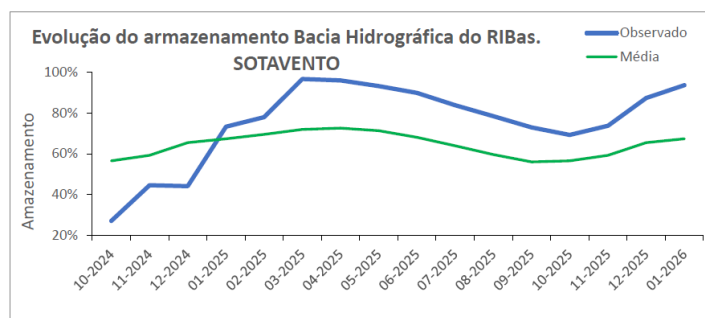
**Figura 12 - Percentagem de volume total armazenado por bacia hidrográfica, em 31 de janeiro de 2026 e de 2025 (Fonte: APA)**

Das 79 albufeiras monitorizadas em 31 de janeiro de 2026, 70 apresentam disponibilidades hídricas superiores a 80% do volume total e não há nenhuma albufeira que apresente disponibilidades hídricas inferiores a 40% do volume total.

Na Figura 13 é possível observar a evolução do volume armazenado por bacia hidrográfica desde outubro de 2024 até dia 31 do mês de janeiro de 2026.







**Figura 13 - Evolução do armazenamento desde outubro de 2024 até 31 de janeiro de 2026, comparativamente à média (1990/91 a 2019/20) (Fonte: APA)**

Pela relevância que assume na gestão dos recursos hídricos em Portugal, no que se refere às disponibilidades hídricas a 31 de janeiro de 2026 armazenadas nas albufeiras na parte espanhola das bacias hidrográficas são:

- Bacias hidrográficas do **Minho e Lima Espanha** – 78,1% (em dezembro era de 61,6%);
- Bacia hidrográfica do **Douro Espanha** – 64,4% (em dezembro era de 55,4%);
- Bacia hidrográfica do **Tejo Espanha** – 71,4% (em dezembro era de 62,1%);
- Bacia hidrográfica do **Guadiana Espanha** – 71,4% (em dezembro era de 61,0).

Os volumes totais armazenados nas bacias hidrográficas espanholas aumentaram significativamente, face às precipitações persistentes na Península Ibérica.

### 3.1. Situação de Seca Hidrológica

De acordo com o índice de seca hidrológica referente a 31 de janeiro de 2026, observa-se que a maioria das bacias hidrográficas do território continental apresentam condições normais a húmidas, com exceção da bacia do Mira, onde se regista situação de seca fraca, Figura 14.

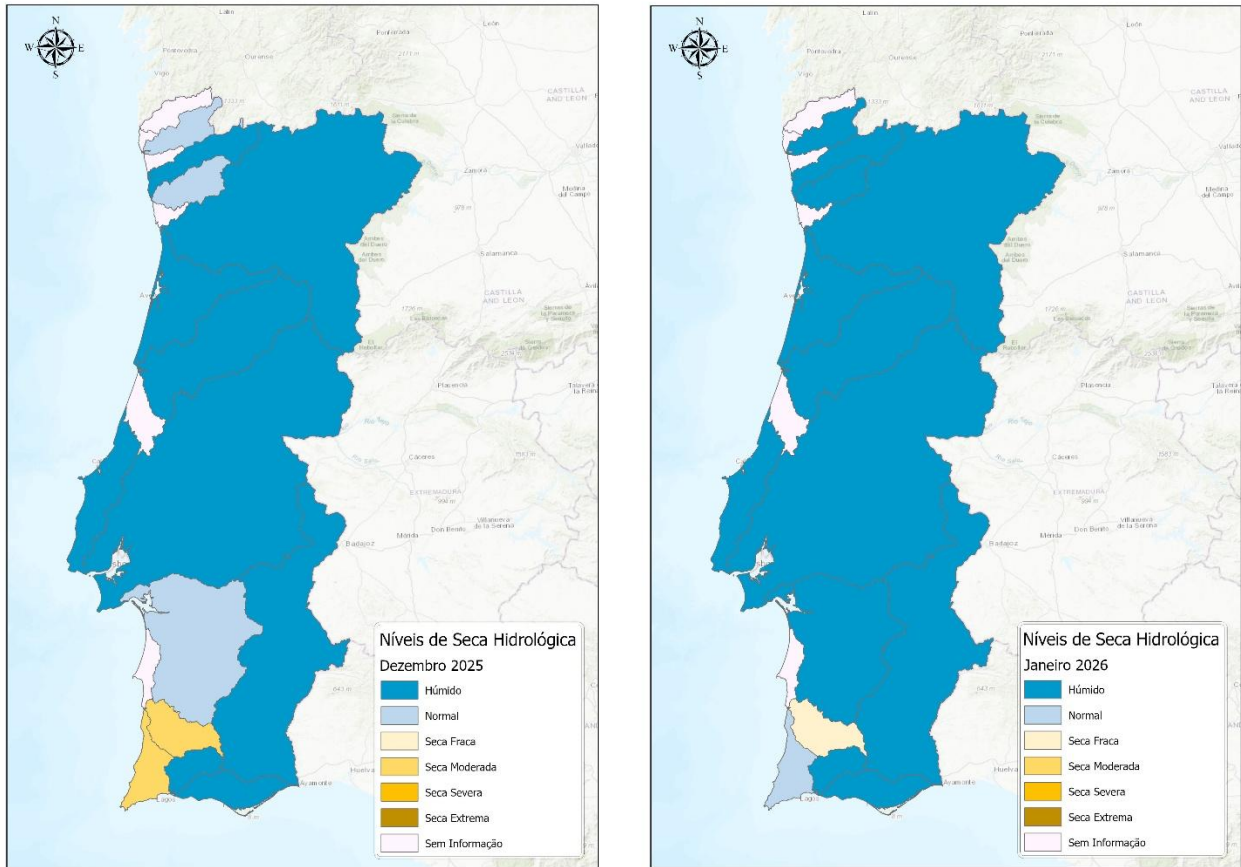
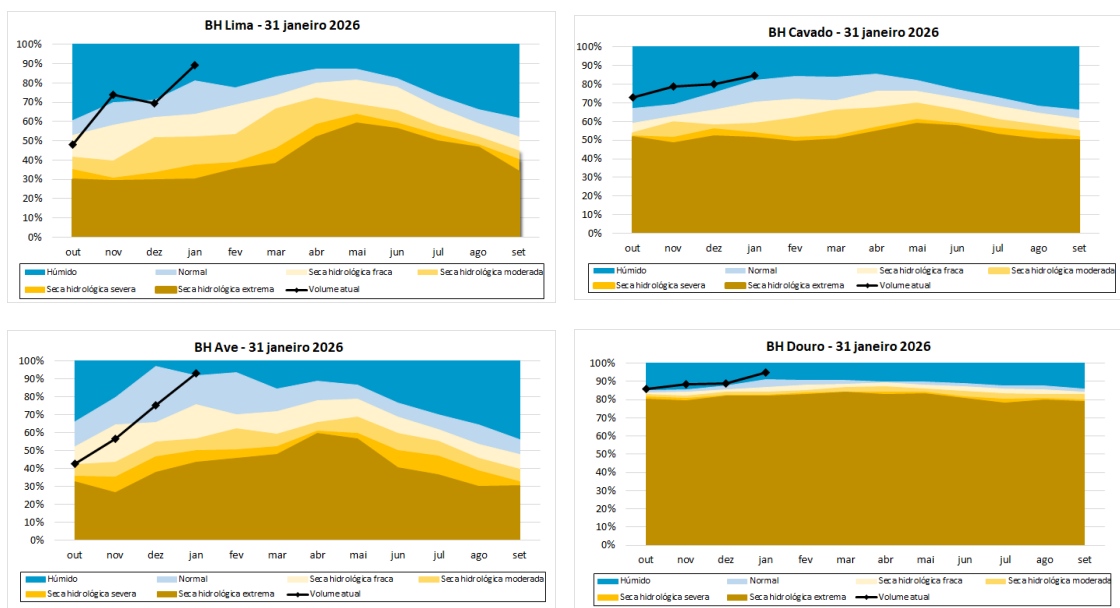


Figura 14 - Níveis de seca hidrológica no mês de dezembro de 2025 (esquerda) e em janeiro de 2026 (direita) (Fonte: APA)

Na avaliação da evolução do nível de seca hidrológica no início do ano hidrológico de 2025/26 pode observar-se que os volumes armazenados se mantiveram, Figura 15.



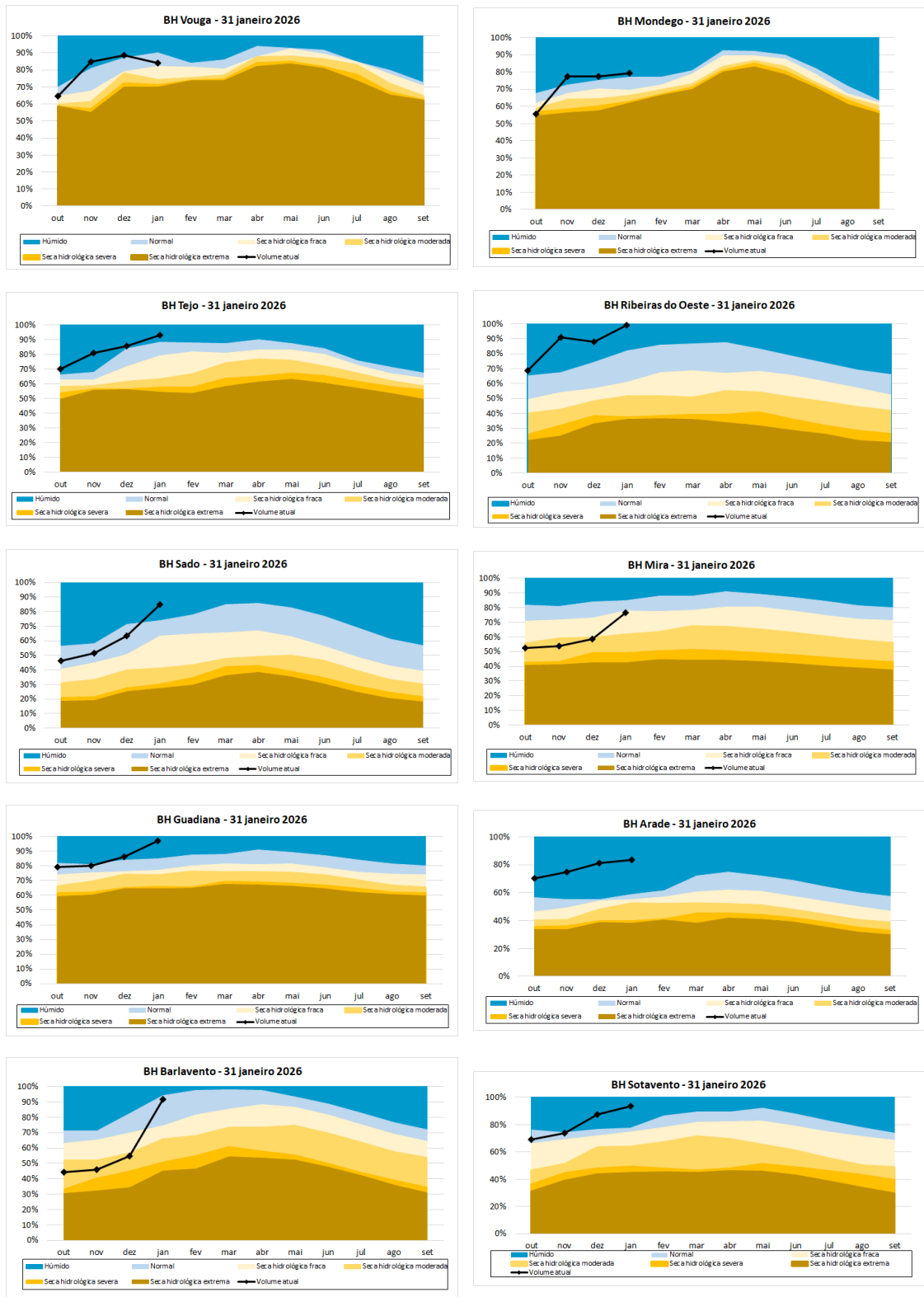
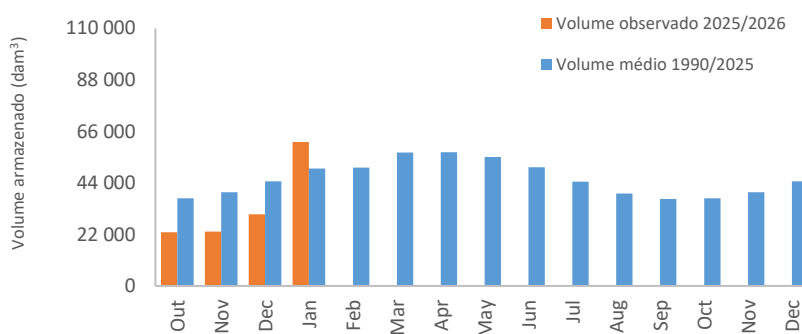


Figura 15 - Nível de armazenamento em janeiro de 2026 e os níveis de alerta de seca hidrológica correspondentes a 31 de janeiro (Fonte: APA)

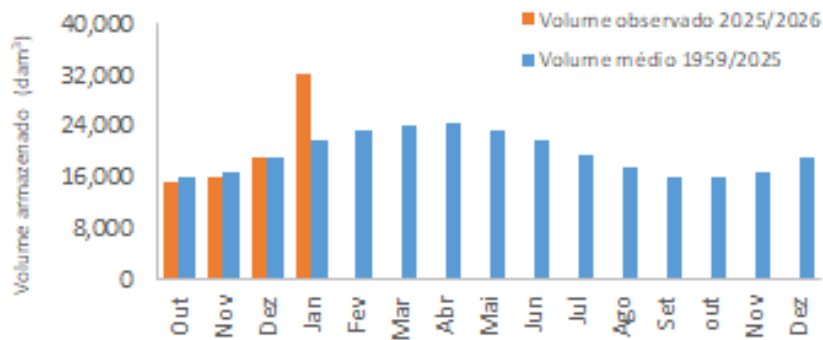
### 3.2. Disponibilidades hídricas versus necessidades

Na albufeira do **Monte da Rocha**, na bacia do Sado e sem ligação ao Alqueva, os volumes armazenados são superiores à média, e permitem garantir o abastecimento público nos próximos dois anos, no total de 3 000 dam<sup>3</sup>. Na Figura 16 observa-se os volumes armazenados e a média, calculada para o período 1990/91 a 2024/25, que ilustra bem a evolução significativa dos volumes armazenados, face aos últimos 10 anos. A albufeira apresenta um volume de armazenamento total de 61 436 dam<sup>3</sup>. Considerando que o volume morto é de 5 000 dam<sup>3</sup> o volume útil disponível a 31 de janeiro é de 56 436 dam<sup>3</sup>. O volume armazenado vai permitir garantir os usos existentes, dois anos de abastecimento público e o consumo agrícola da ordem dos 17 000 dam<sup>3</sup>, devendo-se, no entanto, continuar a promover uma utilização sustentável dos recursos, diminuindo as perdas e adaptando as culturas.



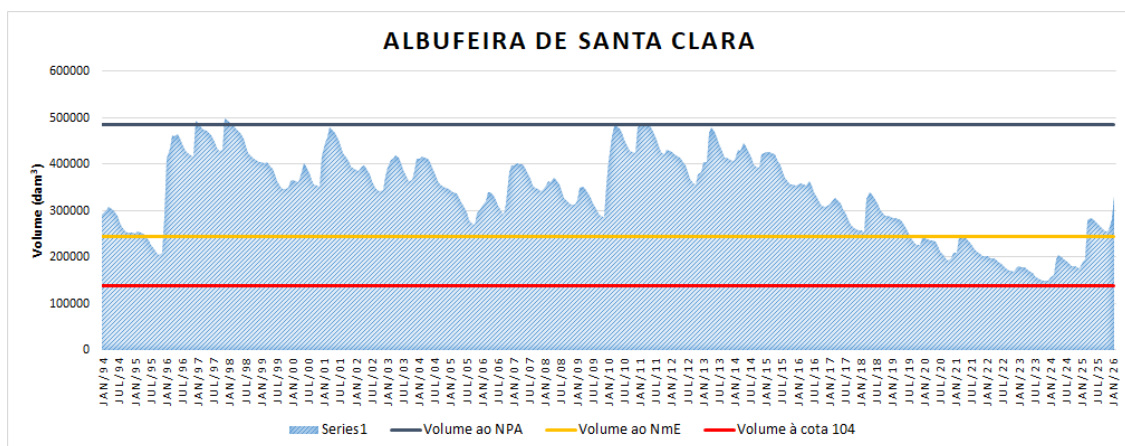
**Figura 16- Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira do Monte da Rocha (Fonte: APA)**

A albufeira da **Bravura** na bacia das Ribeiras do Algarve (Barlavento), registou uma recuperação muito significativa em resultado das intensas precipitações verificadas. Na Figura 17 observa-se os volumes armazenados e a média, calculada para o período 1959/60 a 2024/25. A albufeira apresenta um volume total de armazenamento de 32 385 dam<sup>3</sup>, considerando que o volume morto é de 2 500 dam<sup>3</sup>, o volume útil disponível a 31 de janeiro é de 29 885 dam<sup>3</sup>. O volume armazenado vai permitir garantir os usos existentes, dois anos de abastecimento público cerca de 8 400 dam<sup>3</sup> e o consumo agrícola da ordem dos 9 500 dam<sup>3</sup>, devendo-se, no entanto, continuar a promover uma utilização sustentável dos recursos, diminuindo as perdas e adaptando as culturas.



**Figura 17 - Volumes armazenados desde outubro de 2025 e a média, na albufeira da Bravura (Fonte: APA).**

Desde março de 2025, a albufeira de Santa Clara, localizada na bacia do Mira, apresenta volumes superiores ao Nível Mínimo de Exploração (NME), após ter utilizado, desde 2019, o volume armazenado abaixo desse nível. Em 2023 foram atingidos os níveis mais baixos de armazenamento total. O Acordo da Água assinado em março de 2023, entre a APA, DGADR, Águas Públicas do Alentejo, Associação Beneficiários do Mira e Câmara Municipal de Odemira, refere a necessidade de estabelecer compromissos dos principais utilizadores visando uma gestão sustentável da água no aproveitamento hidráulico, muito concretamente que, no prazo de cinco anos, seja possível recuperar um modelo de gestão sustentável à cota 116 m. Foi ainda acordado que até à cota 104 m a exploração seria feita para fins múltiplos e a partir desta cota e até à cota 102 m esse volume ficaria reservado para o abastecimento público. A cota da albufeira no final de janeiro estava nos 123,70 m, Figura 18.

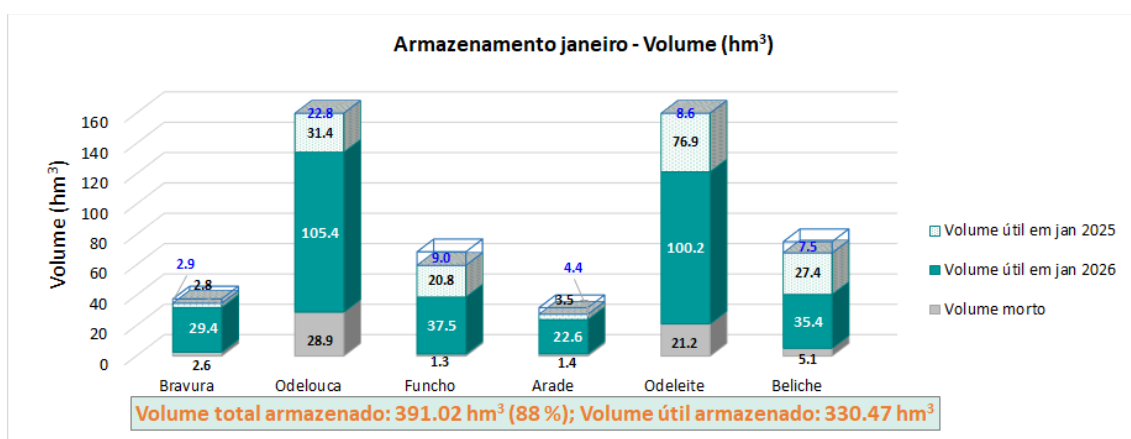


**Figura 18 - Evolução dos volumes armazenados na albufeira de Santa Clara (31/01/1994 a 31/01/2026) (Fonte: APA)**

Foram ainda definidas medidas para promover a eficiência da água no setor urbano em baixa (redução de 50% das perdas) e no setor agrícola (redução de 30% de perdas), bem como desenvolver o projeto que permita implementação de um novo sistema de captação na albufeira

de Santa Clara, adução e tratamento de água para consumo humano dedicado, em substituição do atual com origem nos canais de rega.

Na região do Algarve os níveis de armazenamento nas seis albufeiras, com maior capacidade de regularização, recuperaram de forma muito significativa, Figura 19. A situação nesta região encontra-se na normalidade para mês de janeiro, face à intensa precipitação observada. Observou-se recuperação significativa do volume armazenado nas albufeiras. Mantém-se as restrições de atribuição de novas captações subterrâneas nas massas de água em situação crítica atendendo à fraca recuperação dos aquíferos.



**Figura 19 - Níveis de armazenamento nas seis albufeiras da Região do Algarve a 31 de janeiro de 2026 e comparação com os valores de armazenamento observados a 31 de janeiro de 2025 (Fonte: APA)**

É importante continuar a implementar medidas de racionalização e de uma gestão com maior parcimónia da água, diminuindo drasticamente a captação de água natural e recorrer a origens alternativas, já que o seu custo será inferior aos custos associados de não haver água.

## 4. Águas Subterrâneas

### 4.1. Comparação com o mês anterior

No respeitante à evolução das reservas hídricas subterrâneas apresentam-se, seguidamente, os mapas de evolução dos níveis piezométricos correspondentes aos meses de dezembro e janeiro do ano hidrológico 2025-2026., Figura 20.

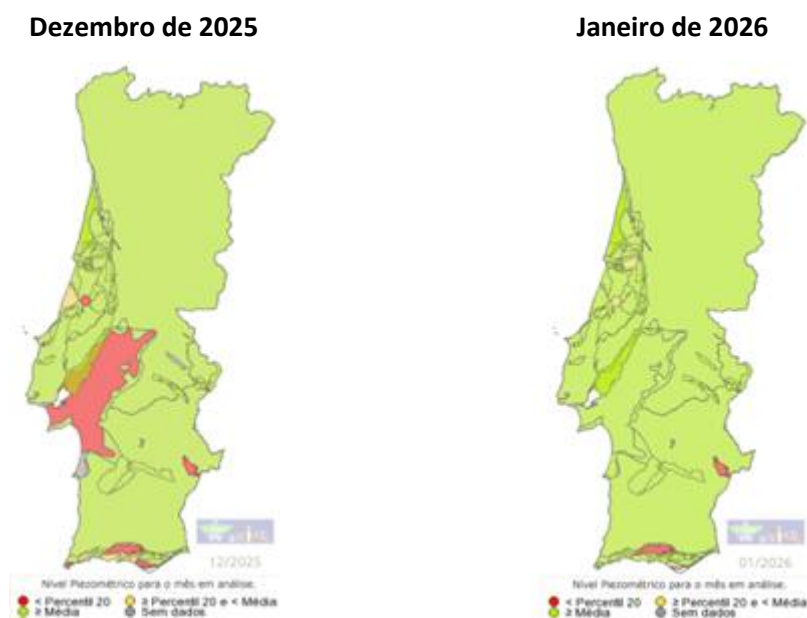


Figura 20 - Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre dezembro de 2025 (esquerda) e janeiro de 2026 (direita) (Fonte: APA).

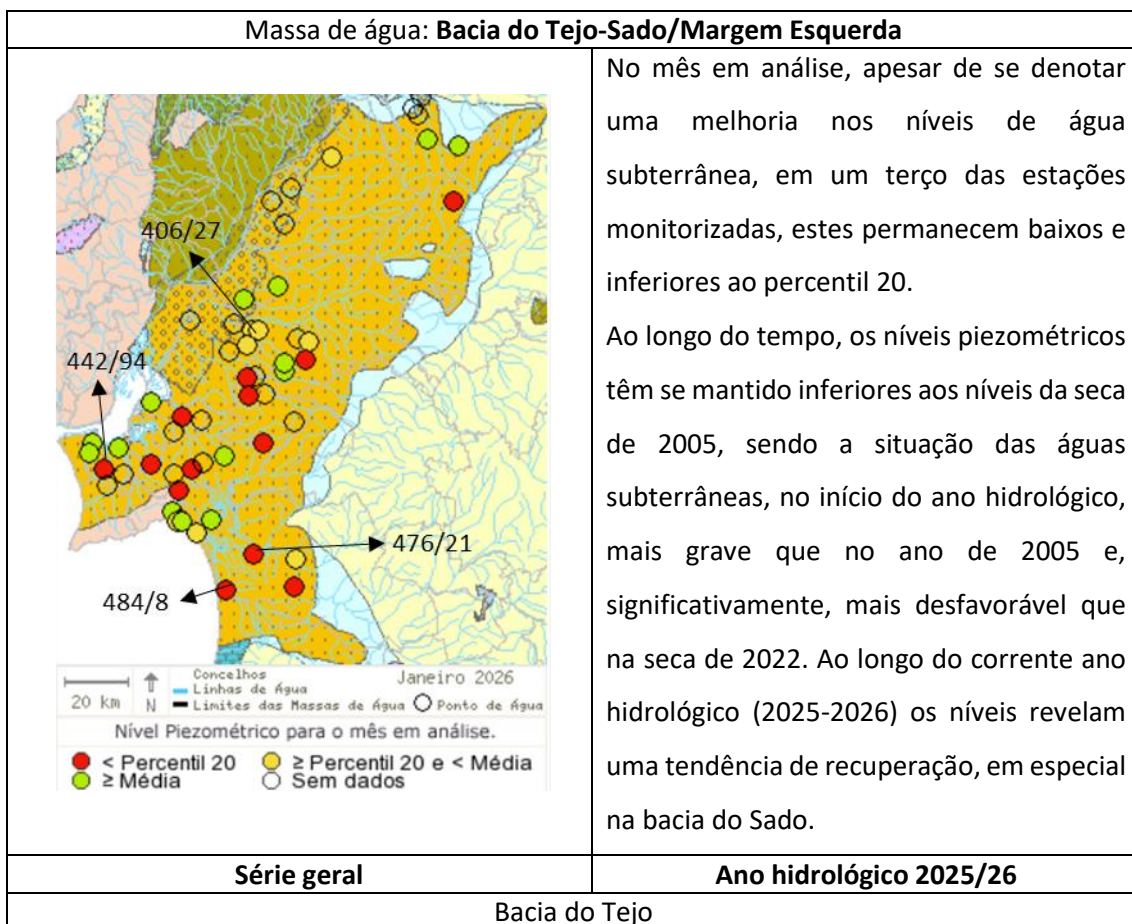
Da análise dos mapas, e comparando o mês atual com o anterior, verifica-se que a maior parte do país apresenta uma melhoria significativa nos níveis de água subterrânea, com praticamente todas elas a apresentarem estes acima da média. Continuam a observar-se situações preocupantes, em que os níveis permanecem inferiores ao percentil 20, como nas massas de água Querença – Silves e Moura-Ficalho.

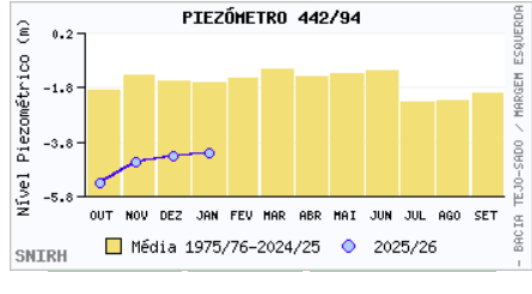
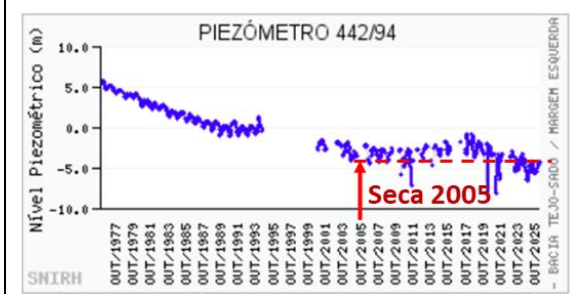
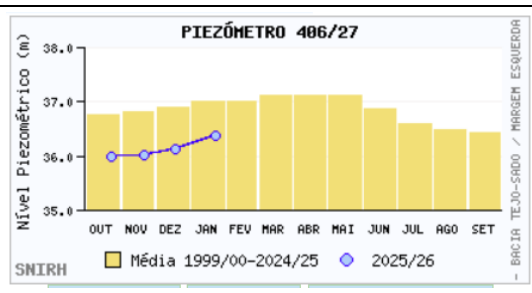
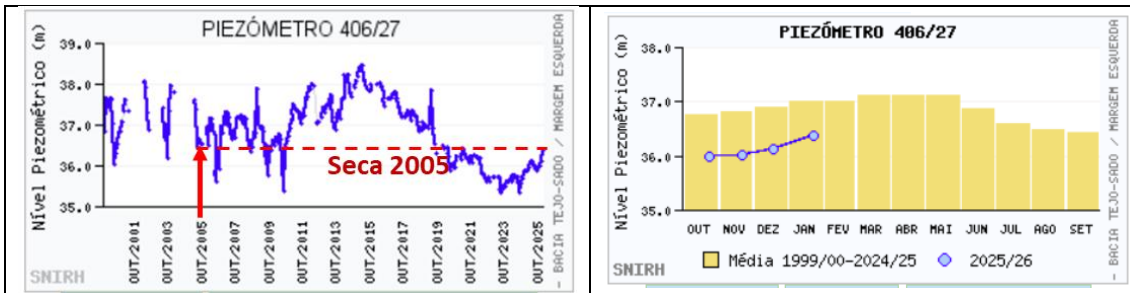
### 4.2. Análise dos níveis piezométricos

Atendendo aos dados disponíveis no mês de janeiro de 2026, constata-se que os níveis piezométricos em **325 pontos observados em 59 massas de água subterrânea** se apresentam, na generalidade, superiores às médias mensais. No entanto nas seguintes massas de água, os **níveis piezométricos encontram-se significativamente inferiores aos valores médios mensais:**

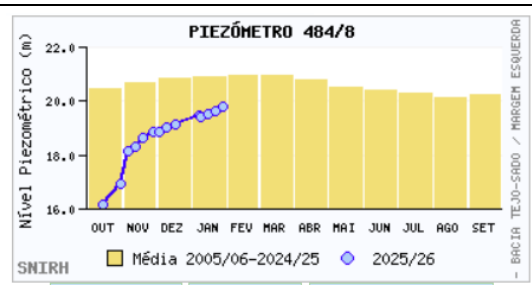
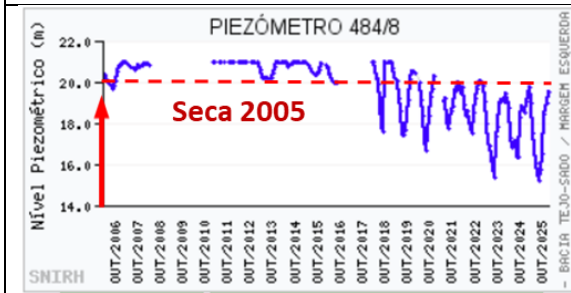
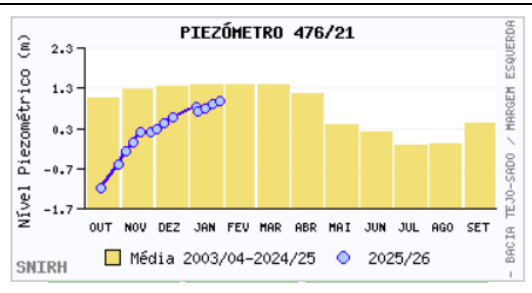
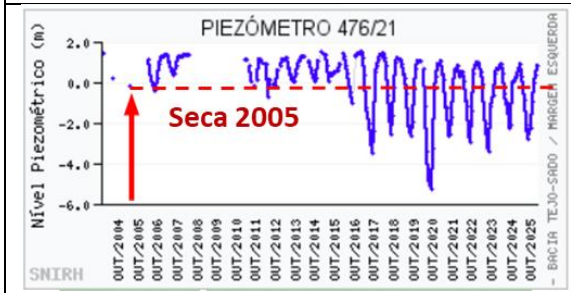
Região Hidrográfica	Massa de Água
Guadiana	Moura – Ficalho
Ribeiras do Algarve	Querença – Silves

Apresenta-se, seguidamente, um detalhe da evolução dos níveis de água subterrânea nas massas de água que merecem maior preocupação. Destacam-se, para o mês em análise, as massas de água da Bacia do Tejo-Sado/Margem Esquerda (bacia do Tejo e Sado), Moura-Ficalho (bacia do Guadiana), Querença-Silves e Campina de Faro (bacia das ribeiras do Algarve), onde os níveis de água subterrânea, apesar de revelarem indícios de recuperação, em duas delas, registam-se ainda baixos, face ao impacte das extrações existentes nas mesmas e dos níveis se encontrarem profundos nos últimos anos. Importa, ainda, referir que os níveis de água subterrânea do mês em análise são comparados com o nível registado durante a seca de 2005, considerada, até ao momento, o período de seca mais severa.

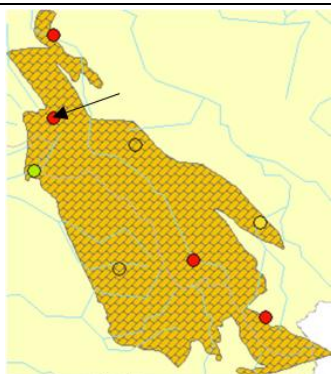




Bacia do Sado



Massa de água: **Moura-Ficalho**

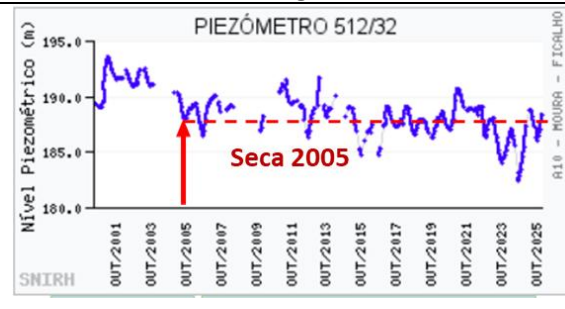


No mês em análise, as águas subterrâneas desta massa de água continuam a registar níveis significativamente baixos e inferiores ao percentil 20, na maioria das estações monitorizadas.

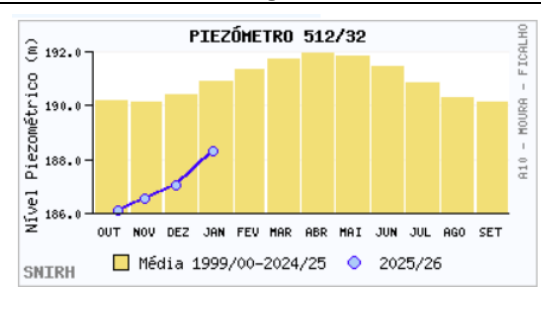
Os níveis piezométricos nunca recuperaram desde a seca de 2017, encontrando-se próximo dos registados na seca de 2005, indiciando extrações elevadas nesta massa

de água. Ao longo do corrente ano hidrológico (2025-2026) observa-se uma ligeira tendência de recuperação.

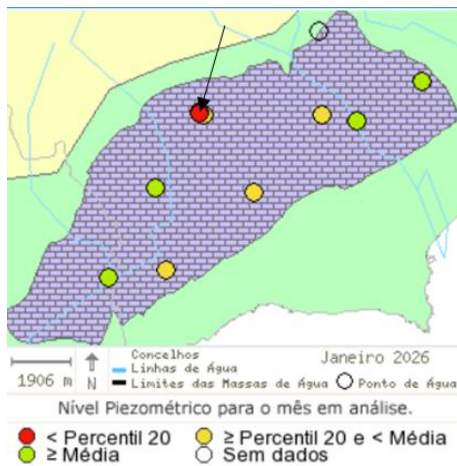
**Série geral**



**Ano hidrológico 2025/26**

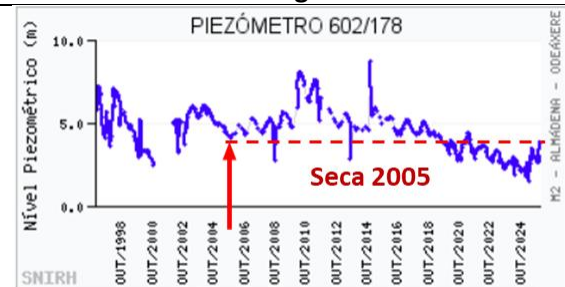


**Massa de água: Almádena-Odeáxere**

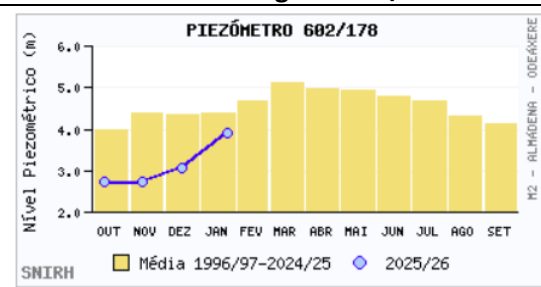


No mês em análise, as águas subterrâneas desta massa de água apresentam uma recuperação, com metade das estações a mostrarem os níveis acima da média. No início do corrente ano hidrológico (2025-2026) os níveis apresentam uma ligeira tendência de subida, que se acentuou neste mês. Contudo, os níveis ainda se encontram abaixo da seca de 2005.

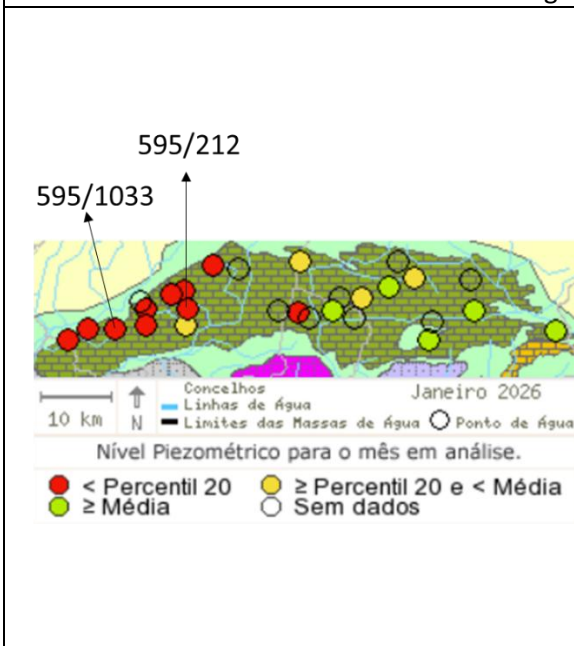
**Série geral**



**Ano hidrológico 2025/26**

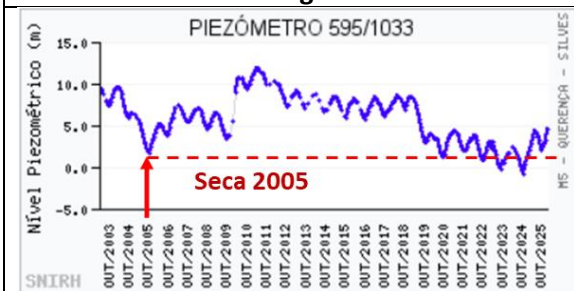


### Massa de água: **Querença-Silves**

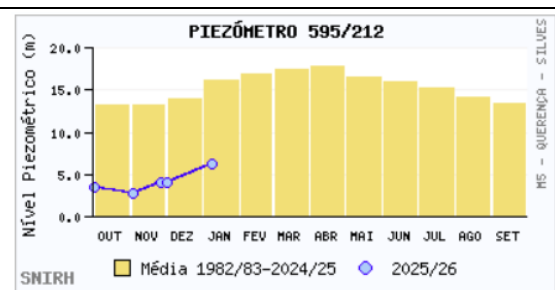
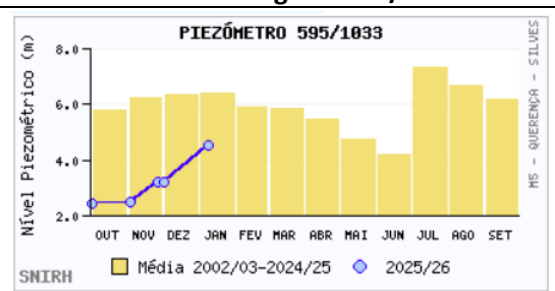


No mês de janeiro, as águas subterrâneas desta massa de água continuam a registar níveis significativamente baixos e inferiores ao percentil 20 na zona oeste, de descarga. As zonas este e central continuam a apresentar indícios de recuperação, resultantes dos eventos pluviosos que ocorreram durante os dois anteriores anos hidrológicos, e no corrente, bem como por serem zonas com menor extração, em relação ao outro setor. No entanto, a situação neste mês é mais favorável que na seca de 2005.

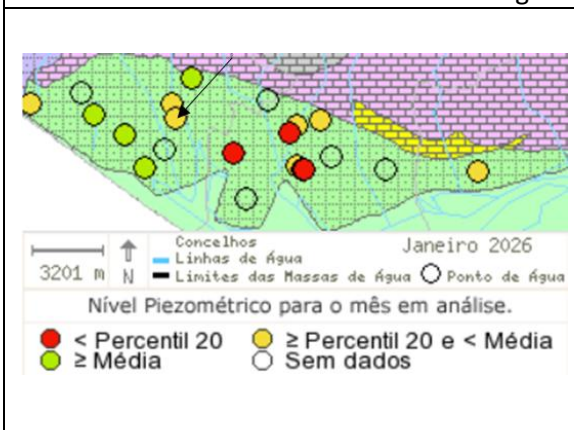
#### Série geral



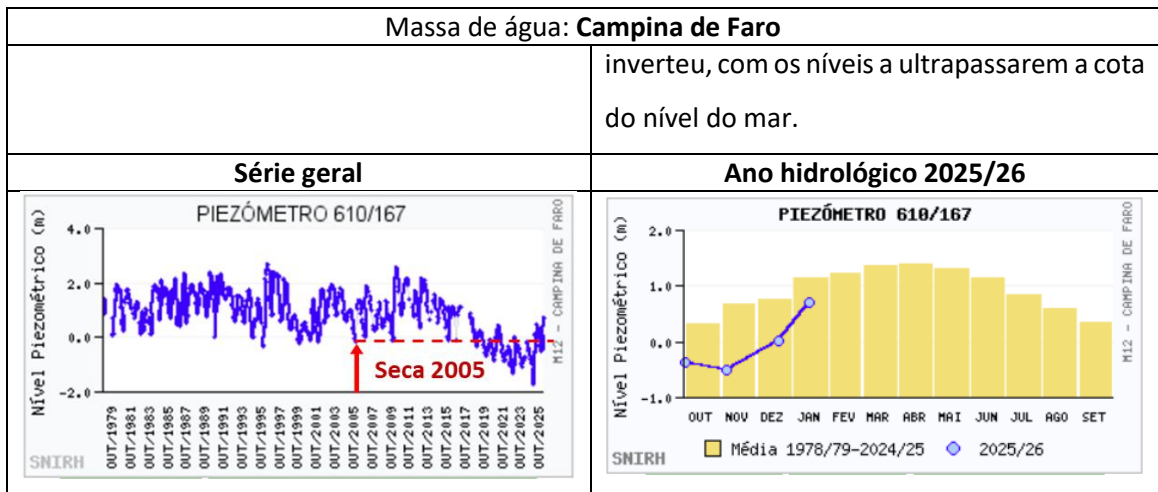
#### Ano hidrológico 2025/26



### Massa de água: **Campina de Faro**



Para esta massa de água, apesar de se observar que houve uma subida dos níveis de água subterrânea, um terço das estações apresenta os níveis piezométricos inferiores aos valores médios mensais. Contudo, a situação no mês em análise é mais favorável do que no início do ano hidrológico, e a tendência de descida, que se observou, já



### 4.3. Massas de água em situação crítica e em vigilância

A avaliação dos recursos hídricos subterrâneos disponíveis conjuga dois fatores principais: a extração de água por captação e a recarga, sendo que os recursos hídricos subterrâneos disponíveis correspondem a 80% da recarga média anual. Este balanço, entre as saídas e as entradas, reflete-se no nível de água subterrânea.

A evolução do nível de água subterrânea, ao longo dos diversos meses de um ano hidrológico, é avaliada através da medição dos níveis piezométricos, ou seja, da profundidade do nível de água em poços e furos, que constituem as estações de monitorização que fazem parte da rede de quantidade.

A avaliação da situação da massa de água subterrânea realiza-se tendo por base os dados históricos disponíveis em cada estação de monitorização. Assim, para cada mês em análise, calculam-se a média e o percentil 20 (próximo do valor mínimo registado), desde o início da série até ao ano hidrológico anterior. O valor mensal medido é comparado com os parâmetros estatísticos mencionados, podendo ser inserido numa das três classes:

- superior à média;
- entre a média e o percentil 20;
- inferior ao percentil 20.

Uma massa de água é colocada em situação crítica quando se verifica que, ao longo de vários meses, e mesmo anos em alguns casos, os níveis persistem inferiores ao percentil 20. Na Figura seguinte ilustra-se a metodologia de avaliação e de classificação das massas de água em situação crítica e de vigilância.

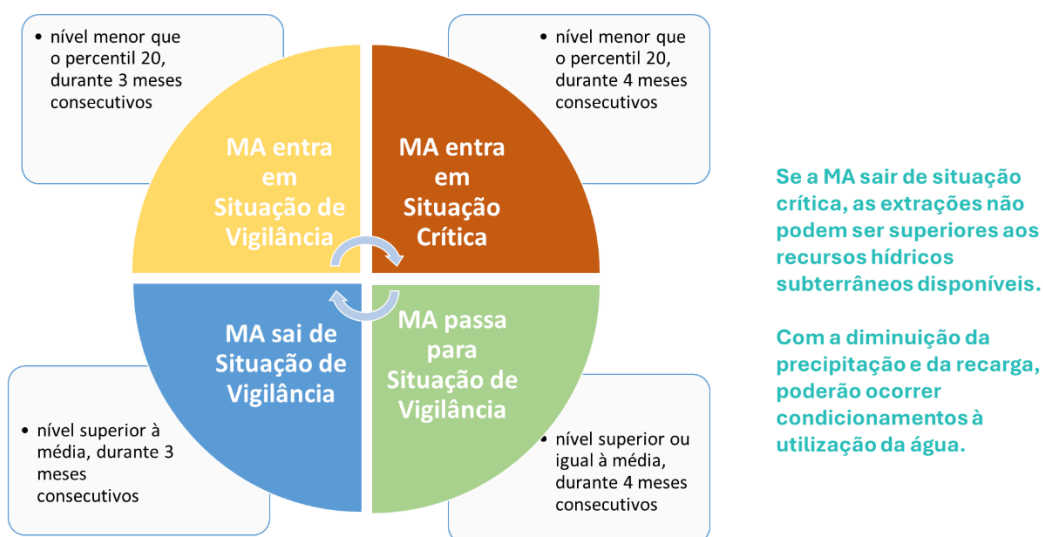


Figura 21 – Metodologia de avaliação das massas de água em situação crítica e de vigilância (Fonte: APA).

#### 4.3.1. Massas de água em situação crítica

Face à evolução dos níveis piezométricos a nível nacional, considera-se que existe um grupo de massas de água que devem ser colocadas em situação crítica, pois desde o início do ano hidrológico 2018-2019 que registam níveis muito baixos, continuando sem recuperar. Estas situações dizem respeito a massas de água onde persistem, ao longo de vários meses, e mesmo anos em alguns casos, **níveis inferiores ao percentil 20**, pelo que urge continuar a aplicação de medidas preconizadas no âmbito da seca. Neste contexto, as massas de água em **situação crítica** são as seguintes:

Região Hidrográfica	Massa de Água
Vouga, Mondego e Lis	Pousos – Caranguejeira
Tejo e Ribeiras do Oeste	Bacia do Tejo-Sado / Margem Esquerda Pisões – Atrozela
Guadiana	Moura-Ficalho
Ribeiras do Algarve	Albufeira - Ribeira de Quarteira Almádena – Odeáxere Campina de Faro – Subsistema Faro Campina de Faro – Subsistema Vale de Lobo Covões Malhão

Região Hidrográfica	Massa de Água
	Quarteira
	Querença - Silves

Face ao mês anterior, dezembro de 2025, não há alteração na lista das massas de água em situação crítica.

#### 4.3.2. Massas de água em vigilância

Atendendo a que os eventos pluviosos, ao longo dos dois anteriores anos hidrológicos, e os do corrente ano hidrológico, ainda não se refletiram na recarga de diversas massas de água, permanecem algumas em **vigilância**, isto é, que merecem especial atenção, nomeadamente:

- **Todas as MA das Ribeiras do Algarve, exceto as que se encontram em situação crítica;**
- Vieira de Leiria – Marinha Grande (bacia do Lis).

Considera-se que as massas de água acima identificadas, ou as massas de água que nos últimos meses registam níveis de água subterrânea baixos, devem permanecer em vigilância, em especial nas bacias hidrográficas do Alentejo e Algarve. Comparando com o mês anterior, há alteração na lista das massas de água em vigilância, em que saiu Ourém e todas as que se localizam nas bacias do Guadiana, Sado e Mira.

#### 4.4. Apreciação geral

Atendendo aos eventos pluviosos ocorridos ao longo do passado ano hidrológico e no atual, verifica-se que as massas de água em situação crítica ou em vigilância, na sua generalidade, registam alguns indícios de recuperação, persistindo com níveis baixos. Face à situação excecional que ocorreu durante o mês de janeiro, extremamente chuvoso, é necessário ter cautela, pois as massas de água subterrâneas demoram tempo a responder à precipitação e à consequente recarga.

De referir que **a situação mais preocupante se mantém nas massas de água Bacia do Tejo-Sado /Margem Esquerda, Moura-Ficalho e em algumas da região do Algarve**, que se encontram em situação crítica, devendo permanecer assim até que ocorra uma recarga eficaz, atendendo a que os níveis de água subterrânea permanecem muito baixos, não obstante haver indícios de recuperação.

A APA, I.P., enquanto Autoridade Nacional da Água, deve promover uma utilização sustentável de água, baseada numa proteção a longo prazo dos recursos hídricos disponíveis, conforme os

termos previstos na alínea b) do n.º 1 do artigo 1.º, nos artigos 7.º e 8.º e na alínea b) do n.º 1 do artigo 63.º da Lei n.º 58/2005, de 29 de dezembro (Lei da Água), na sua redação atual.

Nesse sentido, mantêm-se as restrições de atribuição de novas captações subterrâneas nas massas de água em situação crítica, atendendo à fraca recuperação dos aquíferos e às situações de escassez hídrica que já se observa em algumas das situações.

## 5. Reservas de água nas albufeiras de aproveitamento hidroagrícola

A disponibilização de informação por parte da DGADR, reflete a preocupação crescente deste organismo, enquanto Autoridade Nacional de Regadio, em fornecer um conteúdo informativo mais abrangente, sobre os volumes totais e úteis armazenados nas albufeiras e compará-los com as necessidades em água associadas às campanhas de rega nos diversos aproveitamentos.

Os volumes apresentados possibilitam prever se a campanha de cada ano irá ocorrer normalmente ou, se pelo contrário, são antecipadas dificuldades que, segundo a sua gravidade, determinem a tomada de medidas tendentes a diminuir o consumo de água para os vários usos, nomeadamente no regadio. As albufeiras monitorizadas e avaliadas pela DGADR, que incluem empreendimentos de fins múltiplos e equiparados, estão identificadas na Figura 22.



Figura 22 - Localização das albufeiras monitorizadas pela DGADR (Fonte: DGADR)

Os armazenamentos registados no final de janeiro nas albufeiras monitorizados pela Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural (DGADR), estão indicados na Tabela 3. Nesta tabela apresentam-se, também, as tendências evolutivas dos armazenamentos, em relação ao final do mês anterior, e as previsões para a campanha de rega (<http://sir.dgadr.gov.pt/reservas>).

**Tabela 3 - Armazenamentos nas albufeiras em janeiro, com tendências evolutivas e previsões para a campanha (Sistema de Informação do Regadio – SIR, <http://sir.dgadr.gov.pt/reservas> )**

DISPONIBILIDADES HÍDRICAS					GESTÃO DA CAMPANHA DE REGA						
Origem	Bacia	Cota (m)	Volume Total na Albufeira (hm <sup>3</sup> )	Evolução Mensal (%)	Aproveitamento	Necessidade da Campanha (hm <sup>3</sup> )	Volume Útil Disponível (hm <sup>3</sup> )	Estado da Campanha	Volume Consumido e Executado (hm <sup>3</sup> )	(%)	Previsão para a Campanha 2025 (° Nível de Contingência)
<b>NORTE</b>					<b>NORTE</b>						
Estevão	Douro	426.40	1.577	99%	Atlandóia da Fé	1.200	1.277	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Barga	Douro	329.00	1.540	100%	Vale da Vitaiça	1.200	1.440	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Santa Justa	Douro	259.00	3.480	100%	Vale da Vitaiça	1.900	2.727	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Salgueiro	Douro	222.00	1.800	100%	Vale da Vitaiça	0.300	1.450	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Ribeira Grande e Arco	Douro	187.00	5.970	100%	Vale da Vitaiça	1.900	4.327	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Vale Madeiro	Douro	291.00	1.510	100%	Vale Madeiro	0.900	1.423	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Arcosó	Douro	535.70	4.370	90%	Veiga de Chaves	3.300	4.163	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Rego do Milho	Douro	455.00	1.900	100%	Rego do Milho	0.500	1.807	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Amamar	Douro	752.10	2.340	81%	Temilobos	1.300	2.257	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Azibo	Douro	601.30	51.660	95%	Macedo de Cavaleiros	4.000	43.860	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Gostel	Douro	758.00	1.380	100%	Gostel	2.700	11.474	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Prada	Douro	931.50	0.250	100%	Prada	0.143	0.240	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Curralha	Douro	405.00	0.790	100%	Curralha	0.316	0.780	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Malros	Douro	800.00	0.370	100%	Malros	0.260	0.360	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Comba	Douro	620.46	1.090	100%	Comba	0.750	1.060	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Burgães	Vouga	--	--	--	Burgães	--	--	--	--	--	--
<b>CENTRO</b>					<b>CENTRO</b>						
Sabugal	Douro	790.85	121.331	100%	Cova da Beira	50.000	117.431	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Melmoa	Douro	566.70	34.335	84%	Cova da Beira	15.000	20.435	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Agualeira	Montealegre	118.91	348.067	82%	Boia do Mondego	114.000	141.067	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Marechal Carmona	Tejo	255.76	79.712	100%	Idanha	40.000	78.912	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Parcão	Vouga	104.18	0.102	100%	Ribeira do Parcão	0.040	0.098	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Vermosa	Douro	685.08	2.200	100%	Vermosa	0.800	2.150	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Macieira	Montealegre	144.00	0.946	100%	Ribeiras Frols e Martiãga	0.500	0.920	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Pereiras	Vouga	482.10	0.120	100%	Pereiras	0.070	0.116	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Bouça-Cova	Douro	577.32	4.867	100%	Cereja	3.000	4.684	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Alfaiates	Douro	801.18	0.854	100%	Alfaiates	0.420	0.650	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Açafal	Tejo	112.82	1.746	100%	Açafal	0.800	1.746	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Coufadas/Tamujais	Tejo	131.12	3.891	100%	Coufadas/Tamujais	1.985	3.300	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Calde	Vouga	547.30	0.589	100%	Várzea de Calde	0.150	0.556	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Maquella	Tejo	353.70	0.134	100%	Maquella	0.050	0.134	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
<b>LISBOA E VALE TO TEJO</b>					<b>DRAP LISBOA E VALE TO TEJO</b>						
Abrominha	Rib. Oeste	104.10	0.735	100%	Abrominha	0.500	0.705	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Caril	Tejo	94.25	2.782	100%	Caril	1.000	2.432	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Óbidos	Rib. Oeste	29.40	3.350	53%	Óbidos	--	--	--	--	--	--
<b>ALENTEJO</b>					<b>ALENTEJO</b>						
Dívor	Tejo	261.20	11.484	97%	Dívor	2.700	11.474	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Magos	Tejo	16.93	3.384	100%	Magos	2.500	3.000	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Maranhão	Tejo	130.00	205.398	100%	Vale do Sorraia	94.010	180.898	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Minutos	Tejo	261.50	39.700	76%	Minutos	10.000	37.600	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Montargil	Tejo	80.00	164.371	100%	Vale do Sorraia	78.500	142.771	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Veios	Tejo	269.00	10.249	100%	Veios	3.700	9.139	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Alvito	Sado	197.50	132.500	100%	--	--	130.000	--	--	--	--
Campilhas	Sado	107.67	25.921	95%	Campilhas e Alto Sado	15.000	24.921	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Fonte Serne	Sado	78.23	4.853	54%	Campilhas e Alto Sado	2.000	3.353	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Miguelis	Sado	156.00	0.939	100%	Campilhas e Alto Sado	0.800	0.825	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Monte Gaflo	Sado	179.60	0.653	100%	Campilhas e Alto Sado	0.600	0.597	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Monte de Rocha	Sado	132.90	64.340	63%	Campilhas e Alto Sado	23.000	59.340	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Odvelas	Sado	102.90	94.810	59%	Odvelas	44.000	68.810	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Pego do Allar	Sado	50.56	78.920	84%	Vale do Sado	50.000	78.520	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Roxo	Sado	133.76	68.803	71%	Roxo	50.000	62.003	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Vale do Gato	Sado	40.50	63.000	100%	Vale do Sado	35.000	55.000	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Carle Brique	Mira	134.68	1.635	100%	Mira	1.000	1.460	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Santa Clara	Mira	124.19	379.421	78%	Mira	50.000	134.721	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Abilongo	Guadiana	252.00	20.162	100%	--	--	19.162	--	--	--	--
Alqueva	Guadiana	151.82	4097.009	99%	EFMA	590.000	3097.009	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Luicefcll	Guadiana	182.00	10.225	100%	Luicefcll	6.000	9.625	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Caia	Guadiana	233.19	197.858	97%	Caia	40.000	187.158	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Vigia	Guadiana	224.00	16.725	100%	Vigia	8.200	15.579	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Apartadura	Tejo	594.46	6.736	95%	Marvão-Apartadura	2.000	6.251	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
<b>ALGARVE</b>					<b>ALGARVE</b>						
Beliche	Guadiana	49.78	40.545	64%	Safento Algarvio	19.000	40.145	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Odelele	Guadiana	50.38	121.400	93%	Safento Algarvio	35.000	108.400	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Brovava	Odeóxere	83.03	31.930	92%	Álvor	2.000	29.365	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Arade (Silves)	Arade	58.43	23.960	84%	Silves Logoa e Portimão	15.000	22.315	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Funcho	Arade	93.36	38.860	81%	--	--	33.890	--	--	--	--
Odelouca	Arade	98.51	131.47	84%	--	--	102.525	--	--	--	--
Malhoda do Peres	Rib. Algarve	63.81	0.46	100%	Malhoda do Peres	0.200	0.460	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%
Fesseguelo	Guadiana	239.00	0.30	100%	Fesseguelo	0.110	0.249	Terminada	0.000	0%	Campanha assegurada a 100%

## 5.1. Análise dos dados hidrométricos

Neste mês verificou-se uma tendência de subida na evolução dos volumes armazenados nas albufeiras, havendo 47 a subir, 2 a descer e 15 sem alteração, parte destas últimas na sua capacidade total.

A norte de Portugal (que inclui a bacia hidrográfica do Tejo), as albufeiras tiveram uma variação do volume armazenado entre 1% (Salgueiro) e 51% (Arcossó), as albufeiras de Ribeira Grande e Arco; Magos; Prada; Porcão; Macieira; Pereiras; Alfaiates; Açafal; Magueija; Calde e Carril mantiveram-se em pleno armazenamento. A sul de Portugal existiu uma variação do volume compreendida entre -5%(Funcho) e 58% (Campilhas); a descida do volume armazenado nas albufeiras do Funcho e de Odelouca deveu-se a descargas preventivas, também a sul as albufeiras de Corte Brique; Malhada do Peres e Pessegueiro mantiveram-se em pleno armazenamento.

A entidade gestora da Barragem de Burgães não comunicou dados e a análise estatística não a contempla.

No final do mês, nenhuma das albufeiras hidroagrícolas tinham armazenamentos inferiores à metade da sua capacidade total, valor que não evidencia a existência de problemas de disponibilidades hídricas nas regiões de Portugal continental Figura 23, designadamente nas bacias do Sado, Mira e baixo Guadiana.

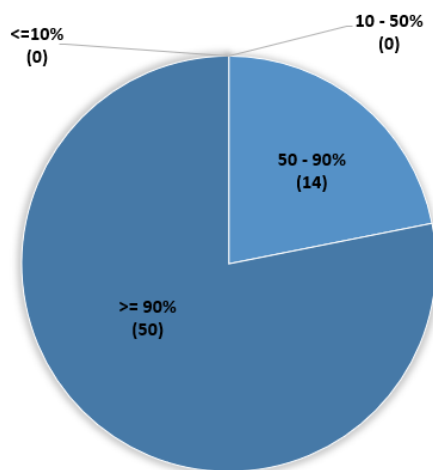


Figura 23 - Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório

## 5.2. Planeamento de contingência

Excluindo as albufeiras do Alqueva e da Aguieira (sem gestão direta dos agricultores), entre os aproveitamentos analisados, a albufeira de Santa Clara, na bacia hidrográfica do rio Mira, é aquela que apresenta maior volume armazenado 379,42 hm<sup>3</sup>, o qual em termos de volume total corresponde a 78% do seu pleno armazenamento (485 hm<sup>3</sup>) de referir que a albufeira do Caia, na bacia hidrográfica do rio Guadiana é a que possui maior volume útil à data deste relatório 187,16 hm<sup>3</sup>.

Na Figura 24 podemos observar a evolução dos volumes armazenados, desde o início do ano hidrológico, tanto no EFMA como nos restantes aproveitamentos hidroagrícolas.

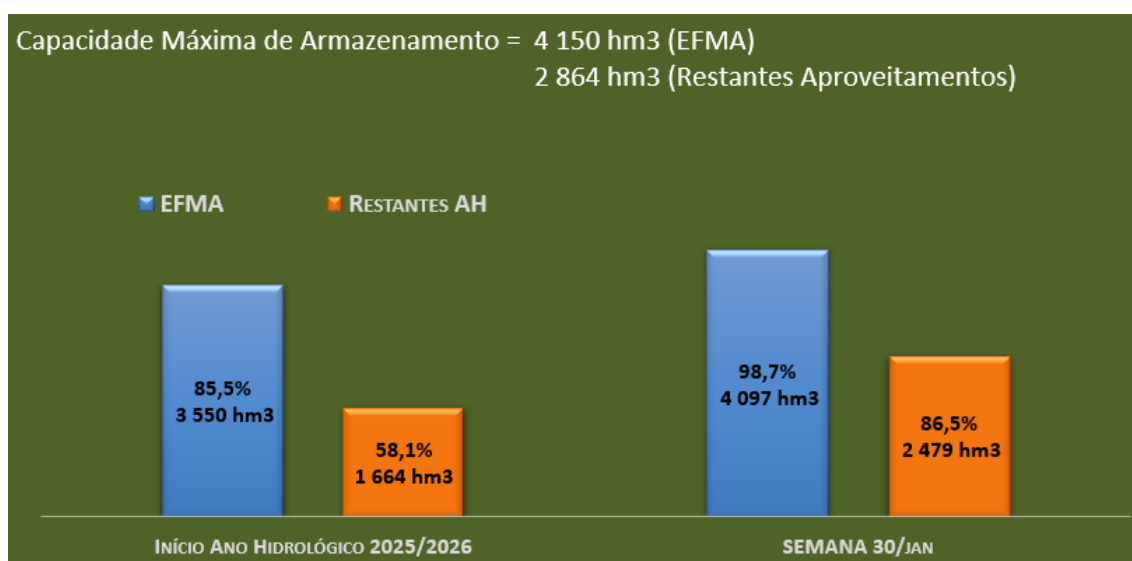


Figura 24 - Disponibilidades hídricas nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório

Neste mês, não existem albufeiras com reservas de água para a agricultura esgotadas (nível de contingência 3) nem com restrições significativas (nível de contingência 2 e 1), num total de 64 albufeiras avaliadas.

Independentemente dos volumes úteis atualmente disponíveis, será sempre necessário realizar uma gestão criteriosa dos recursos hídricos (bem escasso e finito), sendo o desafio mais exigente nos aproveitamentos com mais do que uma utilização principal.

Neste contexto, estão aos aproveitamentos do Azibo, Cova da Beira, Caia, Vigia, Roxo, Campilhas e Alto Sado, Mira, Odeleite-Beliche, EFMA e Aguieira.

### Síntese do ponto de situação das albufeiras do grupo IV monitorizadas pelas DRAP Norte e Centro

Na Tabela 4 apresenta-se o ponto de situação das albufeiras do **Grupo IV** dos perímetros hidroagrícolas, monitorizadas pela Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte (DRAPN).

**Tabela 4 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (27 de janeiro de 2026), de aproveitamentos hidroagrícolas, monitorizados pela DRAPN (Fonte: CDDR Norte)**

Concelho	Albufeira	Cota NPA (m)	Volume Total (NPA) (hm <sup>3</sup> )	Volume Útil (hm <sup>3</sup> )	Armazenamento total					Armazenamento útil		
					Cota atual (m)	Vol. Atual 27.01.2026 (hm <sup>3</sup> )	Volume a 12.01.26 (hm <sup>3</sup> )	Variação (hm <sup>3</sup> )		% do NPA	Volume útil armazenado (hm <sup>3</sup> )	%
Alfândega da Fé	Camba	620,43	1,09	1,06	620,40	1,09	1,08	↑	0,01	100,00	1,06	100,00%
Bragança	Gostei	758,00	1,38	1,37	756,70	1,20	1,17	↑	0,03	86,96	1,19	86,96%
Vinhais	Prada	931,50	0,25	0,24	931,50	0,25	0,25	↔	0,00	100,00	0,24	100,00%
Chaves	Curalha	405,00	0,79	0,78	405,00	0,79	0,75	↑	0,04	100,00	0,78	100,00%
Chaves	Mairos	800,00	0,37	0,36	800,00	0,37	0,35	↑	0,02	100,00	0,36	100,00%

Na Erro! A origem da referência não foi encontrada. indica-se a percentagem de água disponível relativamente à capacidade total das albufeiras do **Grupo IV**, de perímetros hidroagrícolas, monitorizadas pela Direção Regional de Agricultura e Pescas do Centro (DRAPC), no mês de janeiro.

Tabela 5 - Disponibilidade de água nas albufeiras do Grupo IV (30 de janeiro de 2026),de aproveitamento hidroagrícolas (Fonte: DRAP Centro)

Concelho	Albufeira	Cota NPA (m)	Volume Total (NPA) (hm³)	Volume Útil (hm³)	Armazenamento total					Armazenamento útil		
					Cota atual (m)	Vol. Atual 30.01.26 (hm3)	Volume a 02.12.25 (hm³)	Variação (hm³)	% do NPA	Volume útil armazenado (hm³)	%	
Anadia	Porção	104,00	0,10	0,10	104,18	0,10	0,10	↔	0,0	100,0%	0,10	100,0%
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,13	0,13	353,70	0,13	0,13	↔	0,0	100,0%	0,13	100,0%
Figueira Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,20	2,15	684,88	2,20	1,65	↑	0,55	100,0%	2,15	100,0%
Mortágua	Macieira	143,60	0,95	0,92	144,00	0,95	0,95	↔	0,00	100,0%	0,92	100,0%
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,12	0,12	482,10	0,12	0,12	↔	0,00	100,0%	0,12	100,0%
Pinhel / Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,87	4,68	577,32	4,87	3,80	↑	1,07	100,0%	4,68	100,0%
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,85	0,65	801,18	0,85	0,85	↔	0,00	100,0%	0,65	100,0%
Vila Velha de Rodão	Açafal	112,60	1,75	1,75	112,82	1,75	1,75	↔	0,00	100,0%	1,75	100,0%
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamuçais	131,00	3,89	3,30	131,12	3,89	2,50	↑	1,39	100,0%	3,30	100,0%
Viseu	Calde	547,20	0,59	0,56	547,30	0,59	0,59	↔	0,00	100,0%	0,56	100,0%

## **6. Agricultura e Pecuária**

Neste capítulo apresenta-se a evolução das atividades agrícolas no final de janeiro, em termos qualitativos, com indicação também de alguns valores das variações de área semeada, de produtividade e de produção face ao ano anterior (Anexos II e III).

### **6.1. Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspeto vegetativo das searas; variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos da variação, caso se tenha verificado**

A persistência da precipitação nas últimas semanas de janeiro continuou a atrasar as sementeiras e não beneficiou as searas semeadas.

Os campos apresentavam-se saturados de água e nos locais mais baixos as culturas encontram-se submersas. Nos últimos dias do mês de janeiro, a passagem da tempestade *Kristin* afetou muito as culturas, algumas poderão mesmo estar perdidas por efeito do encharcamento do solo. Sendo que, ainda não foi possível contabilizar a repercussão da intempérie na produtividade das espécies cerealíferas afetadas.

Um pouco por todo o país, os cereais praganosos apresentavam um fraco desenvolvimento vegetativo, associado à sementeira tardia e ao excesso de humidade no solo. Quando comparado com igual período do ano anterior, constata-se que nessa altura as plantas já revestiam os solos. No geral, prevê-se uma redução das áreas semeadas de cereais praganosos e uma redução do potencial produtivo das culturas, podendo refletir-se numa diminuição muito acentuada dos rendimentos finais da campanha.

### **6.2. Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, feno, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior**

A continuação das condições de precipitação ao longo de todo o mês de janeiro não permitiu o aumento da área semeada de pastagens, nem de culturas forrageiras, iniciadas entre outubro/novembro. Tendo em conta a previsão de continuação e até agravamento do nível de precipitação, prevê-se que esse atraso persista, comprometendo a realização da operação, especialmente em parcelas de cotas mais baixas.

Os prados, pastagens e culturas forrageiras, de forma generalizada, encontravam-se com um desenvolvimento vegetativo muito estagnado, praticamente sem evolução face ao mês anterior, em consequência do encharcamento prolongado dos solos.

A disponibilidade de matéria verde para alimentação animal foi limitada devido ao alagamento excessivo dos solos, sendo predominantemente assegurada por silagens, fenos, e complementados com rações industriais e alguns suplementos vitamínicos.

### **6.3. Pomares de citrinos: estado vegetativo; produção, quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.**

#### **Citrinos**

Na região Norte, as variedades, os citrinos estavam a completar o seu ciclo e a finalizar a maturação, prevendo-se um bom ano de produção para todo o tipo de citrinos (laranjas, clementinas e tangerinas).

Na região Centro, a produção de citrinos terá ficado seriamente comprometida, em resultado dos estragos provocados pela tempestade *Kristin*, cuja expressão será apurada oportunamente no próximo relatório.

Na região de Lisboa e Vale do Tejo, os pomares de limão apresentavam um bom estado vegetativo e uma boa quantidade de frutos prontos a colher e outros em desenvolvimento. Durante o mês foram realizadas colheitas, com frutos de boa qualidade, pelo que se estima um ano de boa produção, semelhante ao anterior. No entanto, o vento de elevada capacidade destrutiva que se verificou no final do mês com a passagem da depressão *Kristin*, provocou uma queda massiva dos frutos e estragos profundos nos pomares mais expostos, nomeadamente no Oeste. Nos pomares de laranja (variedades *Dalmau* e *Newhall*), como referido no relatório de dezembro, a produção será bastante inferior à dos últimos anos, agora ainda mais acentuada com a queda de frutos devido ao vento forte. Em relação, à colheita das tangerias, no final do mês encontravam-se em fase final de maturação dos frutos, continuando a colheita prevista para meados de fevereiro, se tudo decorrer conforme expectável. A produção apresentava-se com boa qualidade, com calibres elevados, coloração uniforme e bons teores de *brix* e de acidez. As perspetivas globais apontam para uma produção semelhante ou ligeiramente superior.

Na região do Algarve, as condições meteorológicas têm trazido prejuízos para os citrinos. A precipitação ocorrida impediu a colheita de uma forma regular e generalizada, pelo que no próximo mês será mais bem avaliada a produção.

## **Olival**

Os olivais entraram em repouso vegetativo e os agricultores iniciaram às podas, embora com bastante dificuldade devido à precipitação frequente. Com o vento forte causado pela passagem da depressão *Kristin* verificou-se alguma queda de oliveiras, nomeadamente na região Centro e no Oeste.

### **➤ Norte**

Na sub-região Entre Douro e Minho, a qualidade do azeite produzido foi boa e o rendimento foi superior ao normal.

Na região transmontana, a campanha da apanha de azeitona para azeite terminou na primeira quinzena de janeiro, tendo decorrido sem percalços. Confirmam-se as quebras de produção previstas nos relatórios anteriores.

### **➤ Centro**

Na região Centro a produtividade foi bastante heterogénea, registando-se melhores rendimentos nas zonas do litoral e de transição, e piores rendimentos nas zonas do interior.

No geral, a qualidade da azeitona para azeite foi superior ao ano anterior e, por conseguinte, o azeite produzido foi de boa qualidade.

Neste momento, a cultura encontra-se em repouso vegetativo e a passagem da depressão *Kristin* arrancou milhares de oliveiras.

### **➤ Lisboa e Vale do Tejo**

A campanha em termos quantitativos foi significativamente superior à do ano anterior, com produtividades médias mais elevadas especialmente nos olivais tradicionais e/ou centenários que caracterizam a região, sendo os principais responsáveis por esse aumento. Os novos olivais tradicionais de sequeiro com maior densidade de oliveiras, também registaram uma maior produtividade, embora não tão expressiva. A qualidade do azeite foi muito boa.

Nomeadamente no Oeste, a produtividade dos olivais tradicionais de sequeiro, centenários ou mais jovens, foi ligeiramente menor do que na campanha anterior. De um modo geral, também o azeite foi de elevada qualidade.

### **➤ Alentejo**

No Alentejo, o principal produtor de azeite do país, comprova-se o decréscimo na produção de azeite mencionada no último relatório, que ronda os valores de 10 a 15%, comparativamente ao

ano anterior. Esta diminuição deve-se essencialmente à menor produtividade no olival, em que as condições climáticas ocorridas durante o ciclo vegetativo (excesso de calor na altura do vingamento) foram um fator determinante.

Embora, com fundas mais baixas o azeite apresentava-se de boa qualidade.

➤ **Algarve**

A produção foi superior, resultado de ser um ano de safra e de um ano abundante em precipitação, que permitiu ao olival (maioritariamente de sequeiro) beneficiar do enquadramento em termos edafo-climáticos.

Comparativamente ao ano anterior, houve um aumento para cerca de 420%.

### **6.5. Abeberamento dos animais**

No mês de janeiro, o abeberamento animal foi realizado sem qualquer restrição.

## 7. Outras Informações

Neste capítulo do relatório de monitorização é incluída informação considerada relevante em função da situação de seca em presença, não enquadrável nos temas dos capítulos anteriores.

### 7.1 Abastecimento por recurso a autotanques dos Corpos de Bombeiros

A utilização de veículos autotanque para reforço do abastecimento (por injeção de água em reservatórios ou instalações de tratamento) é uma prática corrente de diversas entidades gestoras, as quais recorrem a recursos próprios, a meios das autarquias (Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia), a veículos detidos por privados ou, mais comumente, a veículos dos Corpos de Bombeiros.

No mês de janeiro de 2026, foram reportadas 446 operações de abastecimento com recurso a meios dos Corpos de Bombeiros, valor que corresponde a um aumento de cerca de 42% face ao mês precedente e de cerca de 128% comparativamente com a média de igual período de anos anteriores, conforme ilustrado na Figura 25.

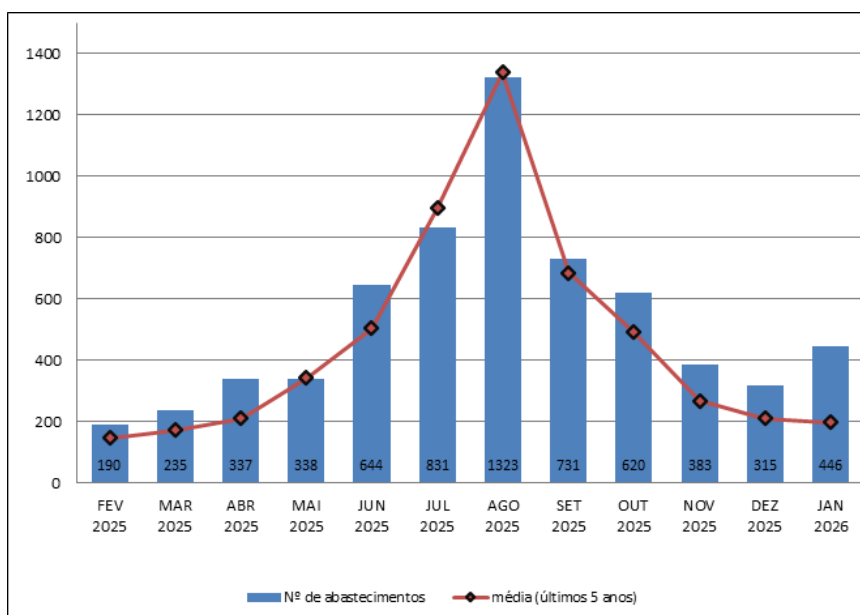


Figura 25 - Número de abastecimentos públicos (Fonte: ANEPC)

Numa análise distrital, verifica-se que os distritos de Leiria (82), Aveiro (79), Faro (46), Beja (36) e Vila Real (31) são aqueles que registaram um maior número de abastecimentos mensais efetuados por Corpos de Bombeiros. Importa notar, contudo, que não é possível garantir que todas as operações de abastecimento efetuadas pelos Corpos de Bombeiros têm por finalidade o

abastecimento público à população, ou que, tendo esse propósito, tal abastecimento decorra diretamente da situação de seca.

Em particular, importa salientar que dos 446 abastecimentos registados, cerca de 190 (43%) ocorreram a partir do dia 28 de janeiro, ou seja, após o impacto da depressão Kristin em vastas áreas do território de Portugal Continental. Neste contexto, supostamente muitos desses abastecimentos tiveram como finalidade suprir eventuais constrangimentos funcionais vivenciados pelos sistemas de abastecimento de água para consumo humano, resultantes dos efeitos adversos do referido evento meteorológico extremo.

Os municípios que registaram maior número de operações de abastecimento com recurso a meios dos Corpos de Bombeiros no mês em causa foram:

- Anadia – 67 abastecimentos;
- Alcobaça – 28 abastecimentos;
- Vila do Bispo – 27 abastecimentos;
- Odemira e Montalegre – 21 abastecimentos.

## 7.2 Abastecimento público

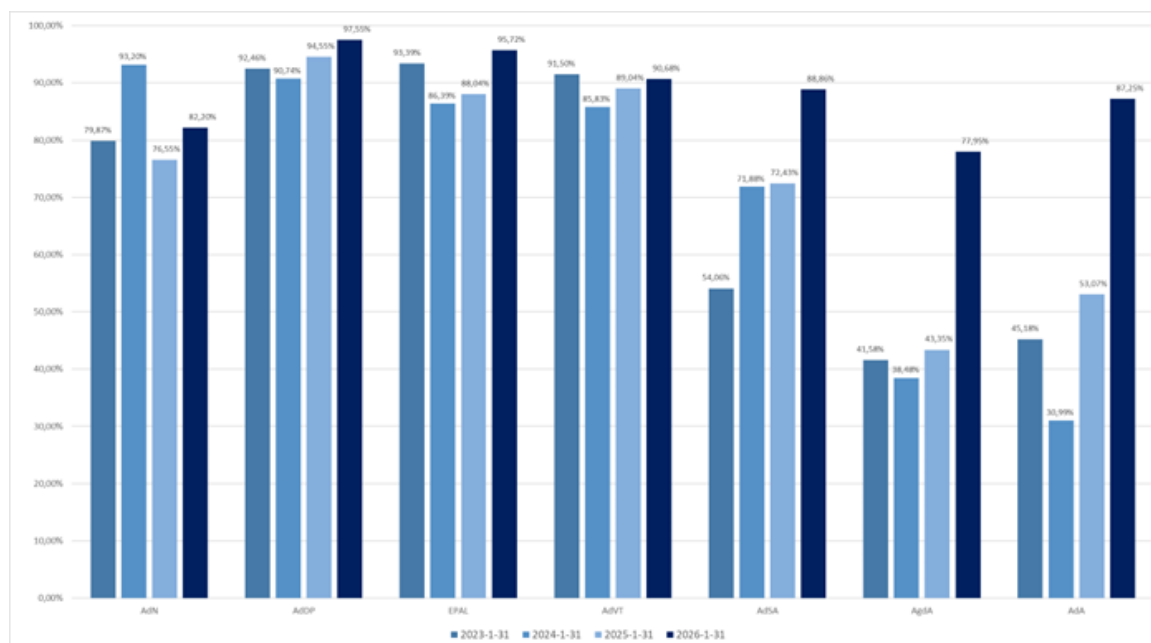
Neste capítulo pretende-se apresentar o ponto da situação mensal e a evolução entre 2023 e 2026, relativo aos volumes armazenados nas albufeiras onde as empresas do grupo Águas de Portugal captam água para abastecimento público, constando ainda:

- Identificação das albufeiras vulneráveis.
- Avaliação dos volumes totais armazenados por empresa face ao histórico.
- Avaliação dos volumes armazenados totais e úteis, por albufeira, relativos ao mês de janeiro de 2026.

Nas tabelas e figura seguintes sintetizam-se a informação compilada e analisada.

**Tabela 6 - Resumo do ponto de situação: volume total armazenado (%) nas albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público a 31/01/2026 (Fonte: AdP)**

Albufeiras com volume armazenado abaixo de 20%, só abastecimento.	Albufeiras com volume armazenado entre 20% e 40%, só abastecimento.	Albufeiras com volume armazenado abaixo de 20%, vários usos	Albufeiras com volume armazenado entre 20% e 40%, vários usos.	Albufeiras no limiar dos 40%, mas que poderão ter problemas com a qualidade de água ou importa manter sob vigilância
-	Alvão Cimeira - 39,31%	-		



**Figura 26 - Volume total armazenado (valores médios) a 31/01 nas albufeiras usadas pelas empresas do grupo AdP para abastecimento público – evolução entre 2023 e 2026 (Fonte: AdP)**

**Tabela 7 - Ponto de situação, a 31/01, das albufeiras onde as empresas do grupo AdP captam água para abastecimento público:  
volum total armazenado (hm<sup>3</sup> e %) (comparação entre 2023 e 2026) (Fonte: AdP).**

Empresa	Aproveitamento Hidráulico	Bacia Hidrográfica	31 janeiro							
			2023		2024		2025		2026	
			hm <sup>3</sup>	%	hm <sup>3</sup>	%	hm <sup>3</sup>	%	hm <sup>3</sup>	%
AdN	Alijó (Vila Chã)	Douro	1,74	100,00%	1,74	100,18%	1,36	77,95%	1,77	101,44%
	Alto Rabagão	Cávado	413,62	72,73%	537,37	94,49%	405,00	71,21%	422,24	74,25%
	Alvão-Cimeira	Douro	1,46	100,00%	1,46	100,00%	1,46	100,00%	0,57	39,31%
	Alvão-Fundeira	Douro	0,13	100,00%	0,13	100,00%	0,13	99,77%	0,13	100,00%
	Arcossó	Douro	3,78	77,52%	4,88	100,00%	2,89	59,00%	4,88	100,00%
	Arroio	Douro	0,15	100,00%	0,15	100,89%	0,15	99,71%	0,15	100,89%
	Azibo	Douro	50,91	93,47%	50,91	93,47%	47,56	87,31%	51,27	94,12%
	Camba	Douro	1,11	100,00%	1,12	100,84%	1,05	95,03%	1,11	100,00%
	Ferradosa	Douro	0,71	100,00%	0,71	99,94%	0,72	100,10%	0,72	100,62%
	Lumiares (Armamar)	Douro	2,20	75,96%	2,40	82,70%	1,94	66,84%	2,64	90,92%
	Olgas	Douro	0,94	100,00%	0,94	100,37%	0,94	100,32%	0,95	101,67%
	Palameiro	Douro	0,24	100,36%	0,24	101,91%	0,24	100,96%	0,24	102,87%
	Peneireiro	Douro	0,55	70,97%	0,47	61,16%	0,54	70,21%	0,77	100,36%
	Pinhão	Douro	4,25	100,32%	4,28	100,91%	4,28	100,91%	4,35	102,56%
	Pretarouca	Douro	3,76	116,81%	3,10	96,45%	3,12	96,97%	3,20	99,51%
	Queimadela	Ave	0,70	100,00%	0,70	100,00%	0,70	100,00%	0,70	100,00%
	Salgueiral	Douro	0,13	99,98%	0,13	100,00%	0,13	100,00%	0,13	101,97%
	Sambade	Douro	1,04	89,94%	1,16	100,21%	0,86	74,64%	1,17	101,34%
	Serra Serrada	Douro	1,68	100,00%	1,68	100,00%	1,68	100,00%	1,69	100,36%
	Sordo	Douro	1,00	100,00%	0,77	76,70%	0,86	86,22%	1,05	105,33%
	Touvedo	Lima	13,65	88,06%	12,59	81,23%	12,00	77,42%	13,65	88,07%
	Vale Ferreiros	Douro	1,10	91,58%	1,02	84,86%	1,05	87,71%	1,20	100,20%
	Valtorno-Mourão	Douro	1,12	99,99%	1,12	100,36%	1,10	98,90%	1,12	100,00%
Veiguinhas	Douro	3,70	100,00%	3,80	102,66%	3,86	104,25%	3,92	105,95%	
Venda Nova	Cávado	86,30	91,32%	81,57	86,32%	88,60	93,76%	93,75	99,21%	
Vilar	Douro	96,54	96,79%	93,59	93,82%	81,50	81,70%	99,36	99,61%	
AdDP	Crestuma-Lever	Douro	101,71	92,46%	99,82	90,74%	104,00	94,55%	107,30	97,55%
EPAL	Castelo de Bode	Tejo	1022,61	93,39%	945,98	86,39%	964,00	88,04%	1048,17	95,72%
AdVT	Apartadura	Tejo	6,59	88,26%	7,47	100,00%	7,49	100,27%	7,22	96,69%
	Cabril	Tejo	673,88	93,59%	606,79	84,28%	645,00	89,58%	619,00	85,97%
	Caia	Guadiana	184,54	90,91%	185,30	91,28%	162,48	80,04%	200,34	98,69%
	Caldeirão	Mondego	3,65	66,12%	3,64	65,92%	5,33	96,61%	4,88	88,46%
	Capinha	Tejo	0,50	100,00%	0,50	100,00%	0,50	100,00%	0,50	100,00%
	Corgas	Tejo	0,33	62,12%	0,48	72,03%	0,33	49,68%	0,52	100,00%
	Fumadinha	Vouga	0,29	100,00%	0,29	100,00%	0,29	100,00%	0,31	104,64%
	Marateca (St.* Águeda)	Tejo	37,20	100,00%	36,78	98,86%	37,20	100,00%	37,20	100,00%
	Meimôa	Tejo	33,28	85,34%	32,92	84,42%	32,92	84,42%	32,94	84,47%
	Monte Novo	Guadiana	13,87	90,79%	11,81	77,30%	15,28	100,00%	14,65	95,88%
	Penha Garcia	Tejo	1,08	101,52%	1,16	108,43%	1,09	101,91%	1,07	100,00%
	Pisco	Tejo	1,20	100,00%	1,20	100,00%	1,11	79,50%	1,21	100,74%
	Póvoa e Meadas	Tejo	12,10	62,69%	16,00	82,91%	14,41	74,67%	19,39	100,44%
	Ranhados	Douro	2,96	102,78%	2,60	90,36%	2,60	90,36%	2,88	100,00%
	Sabugal	Douro	97,75	85,52%	99,97	87,46%	118,33	103,53%	110,85	96,98%
	Santa Luzia	Tejo	51,70	96,28%	46,65	86,87%	51,53	95,96%	51,56	96,01%
	Vascoveiro	Douro	3,17	100,12%	3,17	100,12%	3,17	100,12%	3,17	100,12%
Vigia	Guadiana	10,51	62,86%	7,57	45,26%	4,95	29,62%	16,73	100,00%	
AdSA	Morgavel	Ribeiras do Alentejo	17,57	54,06%	23,36	71,88%	23,54	72,43%	28,88	88,86%
AgdA	Alvito	Sado	107,95	81,47%	99,23	74,89%	98,54	74,37%	132,50	100,00%
	Enxoé	Guadiana	9,79	80,91%	8,39	80,67%	8,94	85,99%	12,60	104,15%
	Monte Clérigo	Guadiana	0,14	35,32%	0,15	37,06%	0,27	67,72%	0,41	100,00%
	Monte da Rocha	Sado	10,99	10,70%	11,40	11,10%	14,05	13,67%	61,44	59,79%
	Roxo	Sado	35,57	36,93%	42,38	44,00%	46,46	48,24%	66,59	69,13%
	Santa Clara	Mira	179,60	37,03%	156,88	32,34%	190,45	39,27%	371,42	76,58%
AdA	Beliche	Guadiana	24,83	51,72%	15,45	32,18%	32,47	67,65%	39,89	83,10%
	Bravura	Ribeiras do Algarve	4,36	12,53%	3,29	9,44%	5,40	15,50%	31,93	91,69%
	Odeleite	Guadiana	77,18	59,37%	50,64	38,88%	98,05	75,42%	119,38	91,83%
	Odelouca	Arade	60,72	38,67%	45,25	28,82%	60,36	38,45%	131,47	83,74%

Nas figuras seguintes apresentam-se os volumes armazenados totais e úteis por albufeira relativo ao mês de janeiro de 2026, bem como a respetiva capacidade de armazenamento.

No quadro seguinte sistematizam-se as situações consideradas como “Prioritárias” ou “Em vigilância” bem como as respetivas medidas, à data de 31 de janeiro de 2026.

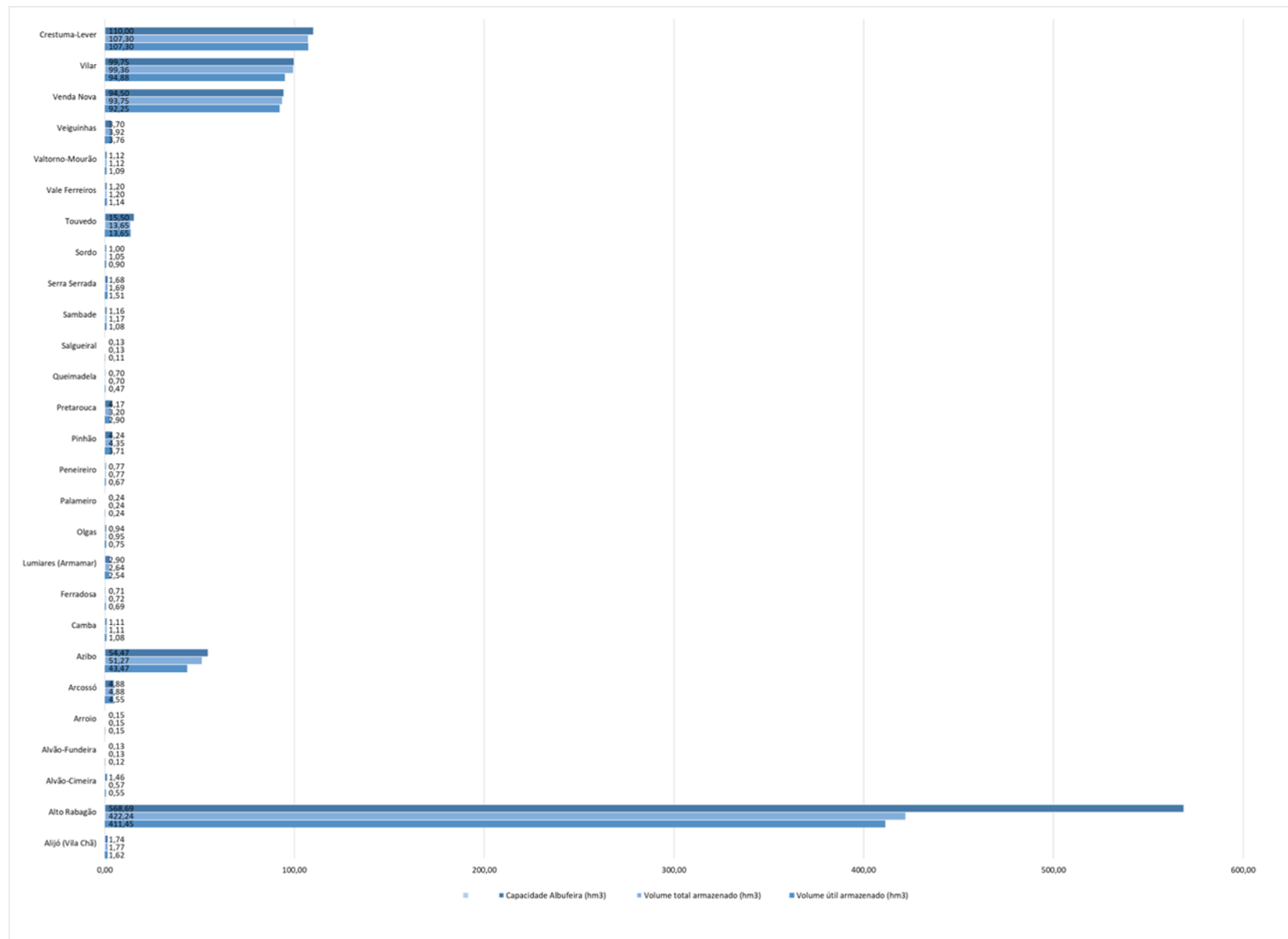


Figura 27 - Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/01/2026 nas albufeiras das empresas AdN e AdDP para abastecimento público. (Fonte: AdP).

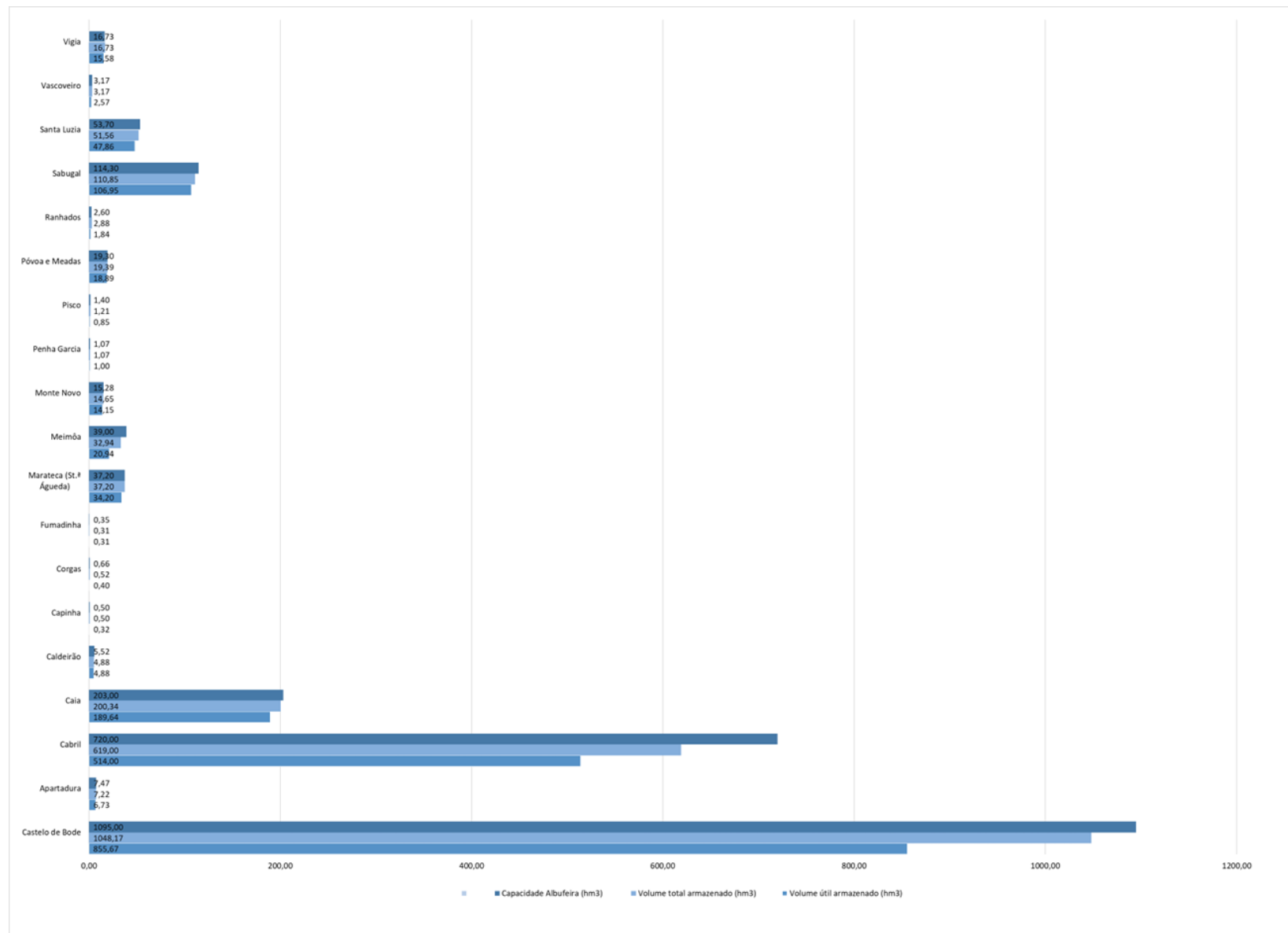


Figura 28- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/01/2026 nas albufeiras das empresas EPAL e AdVT para abastecimento público. (Fonte: AdP).

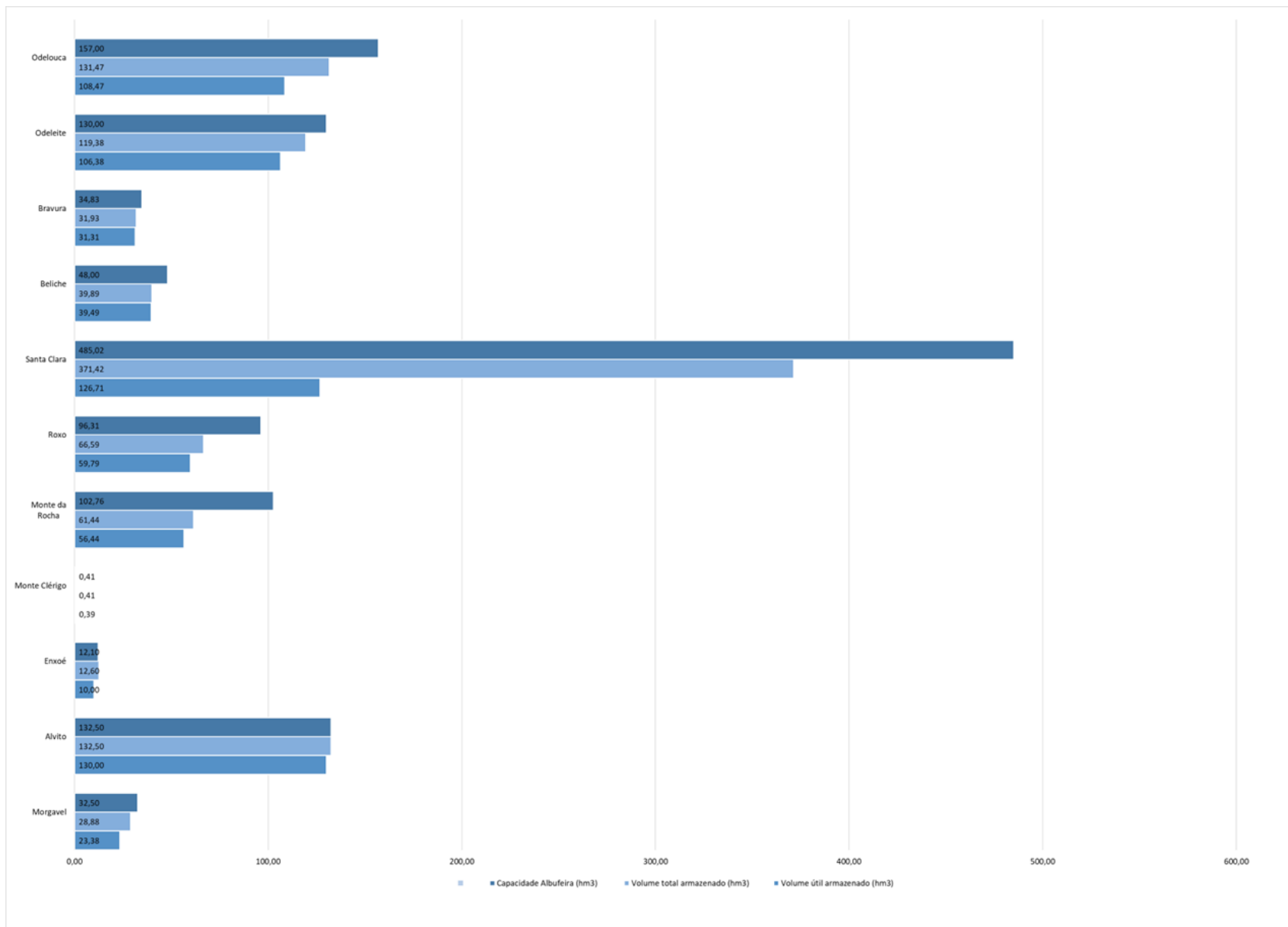


Figura 29- Capacidade das albufeiras e volumes total e útil armazenados a 31/01/2026 nas albufeiras das empresas AdSA, AgdA e AdA para abastecimento público. (Fonte: AdP).

Tabela 8 - Monitorização das situações críticas e respetivas medidas de adaptação e mitigação (em atualização) (Fonte: AdP)

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação	Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
Águas do Centro Litoral	31/01/2026	Ribeira de Alge	Ansião, Figueiró dos Vinhos, Penela	Drenos de captação	Monitorização permanente do nível do poço de captação. Verificou-se, desde o final da semana de 11-15 julho de 2022, uma redução substancial do volume de água na Ribeira de Alge e um consequente abaixamento do nível do poço de captação.	Prioritária	<p>Tendo como objetivo a avaliação da possibilidade de recurso a águas subterrâneas, como alternativa/reforço das atuais captações sub superficiais, vai ser desenvolvido um estudo hidrogeológico. Aprovado em reunião de CA de 10-09-2024 o início de um procedimento administrativo de Ajuste Direto pelo Setor Especial para a contratação deste estudo à empresa Waterways, estando o mesmo já em curso.</p>	Não	Por concretizar
Águas do Centro Litoral	31/01/2026	Mosteiro de Folques	Arganil	Drenos de captação	Integração nas infraestruturas do Sistema Multimunicipal da captação e ETA municipais de Folques, destinada a aumentar a resiliência do subsistema	Prioritária	<p>"Proceder à avaliação funcional das infraestruturas para avaliar a oportunidade da manifestação junto do município do interesse na integração no Sistema Multimunicipal. Em contactos estabelecidos com o Município de Arganil, a AdCL manifestou interesse na integração da infraestrutura municipal no Sistema</p>	Não	Em fase estudo/projeto

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação		Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
								Multimunicipal, estando em curso a preparação documental necessária á formalização do acordo/protocolo a estabelecer entre as partes.		
Águas Públicas do Alentejo	31/01/2026	Monte Clérigo-Rabaça	Almodôvar	Origens subterrâneas	Perda de produtividade de origem complementar à captação na albufeira de Monte Clérigo.	Em vigilância	●	Reforço de campanhas de sensibilização.	Sim	
Águas Públicas do Alentejo	31/01/2026	Mata de Valverde	Alcácer do Sal	Origens subterrâneas	Perda de produtividade	Em vigilância	●	Reforço de campanhas de sensibilização.	Sim	
Águas Públicas do Alentejo	31/01/2026	Campo Redondo	Odemira	Origens subterrâneas	Conjugação de perda de produtividade da origem com captações elevadas	Em vigilância	●	Reforço de campanhas de sensibilização.	Não	
Águas Públicas do Alentejo	31/01/2026	Santa Clara	Odemira	Albufeira	Preocupações com garantias do abastecimento público em cenários de fortes restrições no fornecimento para a agricultura.	Em vigilância	●	'Definição pela APA do regime de exploração da albufeira, incluindo a definição da cota mínima de captação. Implementação de medidas previstas e financiadas pelo setor da agricultura (e.g. construção de nova captação, redução das perdas nos canais de rega, aumento da capacidade	Sim	Por concretizar

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação		Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
								de reserva). Plano para aumento da sustentabilidade dos usos na bacia hidrográfica do Mira. Compromissos -Acordo H2O		
Águas Públicas do Alentejo	31/01/2026	Monte da Rocha	Almodôvar Castro Verde Ourique Odemira (9 localidades) Mértola (7 localidades)	Albufeira	Volume armazenado 24,243 hm <sup>3</sup> (Volume útil 19,243 hm <sup>3</sup> ). Necessidades anuais para abastecimento público 1,50 hm <sup>3</sup> (deverá ser salvaguardado o volume de 1,50 hm <sup>3</sup> + taxa de evaporação + infiltrações)	Prioritária	●	Ligação EFMA-Monte da Rocha.  Reforço de campanhas de sensibilização.  Levantamento das origens alternativas de abastecimento, incluindo reativação de instalações e avaliação das necessidades para a respetiva operação.  Agendamento reunião ARBCAS e municípios.  Revisão do portfolio de medidas implementadas/ a implementar (captação, ETA, adução, distribuição, outras).	Sim	Em Execução
Águas Públicas do Alentejo	31/01/2026	Monte Clérigo	Almodôvar	Albufeira	Origem que complementa Monte da Rocha. Volume armazenado disponível de 389 000 m <sup>3</sup> . Necessidades anuais para	Em vigilância	●	Licenciamento da captação e integração da barragem no futuro contrato de concessão	Sim	Por concretizar

Empresa	Data de reporte	Sistema	Municípios servidos	Tipo de origem	Breve Descrição	Situação		Medida para comunicação institucional	Necessária Intervenção da APA	Situação
					abastecimento público 186 702 m3.					
Águas Públicas do Alentejo	31/01/2026	Cavaleiros/Almansor	Montemor-o-Novo	Origens subterrâneas	Perda de produtividade	Em vigilância	●	Pedido de informação à APA relativo ao licenciamento de furos para rega.	Sim	
Águas Públicas do Alentejo	31/01/2026	Santa Margarida da Serra	Grândola	Origens subterrâneas	Perda de produtividade	Em vigilância	●	Comunicação da evolução das capitações ao município. Recomendação da restrição de usos não potáveis. Transporte de água efetuado nos dias 29/09, 04/10, 09/10, 12/10 e 13/10 de 2022.	Não	

### **7.3 Transferência do sistema Alqueva – Pedrogão**

Os volumes globais transferidos a partir de Alqueva e Pedrogão para perímetros e aproveitamentos confinantes, estão apresentados na Tabela 9 e na Tabela 10. Na

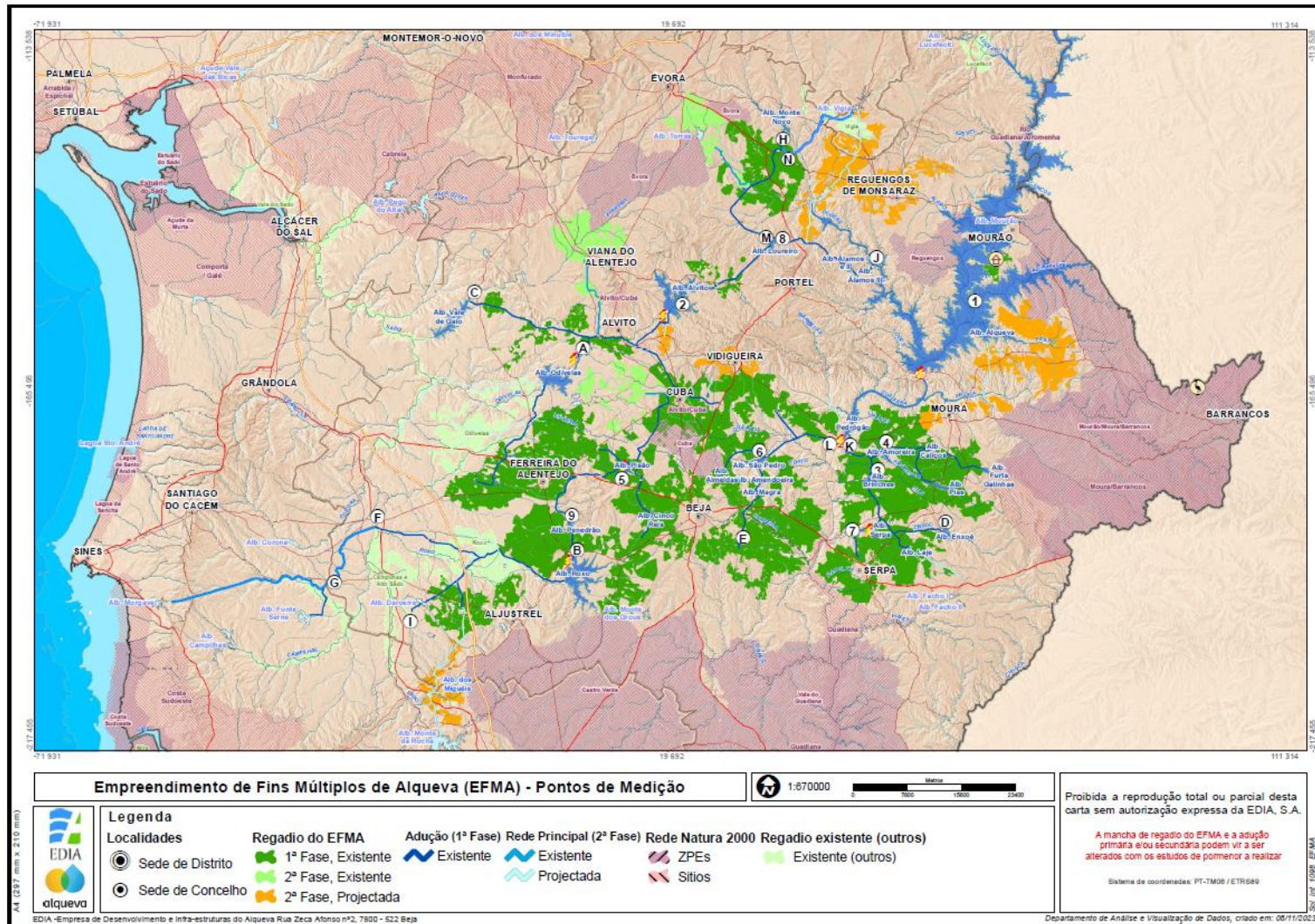


Figura 30, são apresentados os pontos de medição.

**Tabela 9 - Cotas e volumes do sistema Alqueva-Pedrogão, referentes a 01/02/2026 (Fonte: EDIA)**

Albufeiras	Cota (m)	NPA (m)	Volume total albufeira (hm <sup>3</sup> )	Volume útil albufeira (hm <sup>3</sup> )	Volume armazenado (hm <sup>3</sup> )	Volume morto (hm <sup>3</sup> )	Volume útil armazenado (hm <sup>3</sup> )	Percentagem volume útil (%)
1- Alqueva	151,80	152,00	4150,00	3117,00	4023,77	1033,0	2990,8	96,0
2 - Alvito	197,79	197,50	132,50	130,00	132,50	2,50	130,0	100,0
3 - Brinches	132,41	135,00	11,00	9,67	8,02	1,33	6,7	69,2
4 - Amoreira	134,79	135,00	10,69	8,99	10,47	1,7	8,8	97,5
5 - Pisão	155,11	155,00	8,20	6,66	8,20	1,5	6,7	100,0
6 - S. Pedro	142,21	142,50	10,83	8,55	10,32	2,28	8,0	94,0
7 - Serpa	123,36	123,50	10,20	9,90	9,98	0,3	9,7	97,8
8 - Loureiro	221,66	222,00	6,98	2,48	6,70	4,50	2,2	88,6
9 - Penedrão	167,15	170,0	5,2	3,60	3,15	1,6	1,6	43,2

**Tabela 10 - Volumes mensais transferidos (hm<sup>3</sup>) do sistema Alqueva-Pedrogão em 01/02/2026 (Fonte: EDIA)**

Albufeiras	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
A - Odivelas	0,032												0,032
B - Roxo*	0,160												0,160
C - Vale do Gaio	0,000												0,000
D - Enxoé	0,235												0,235
E - Magra	0,160												0,160
F - Morgavel	0,000												0,000
G - Fonte Serne	0,000												0,000
H -Monte Novo	0,000												0,000
I - Alto-Sado	0,000												0,000
J -Guadiana-Álamos	0,000												0,000

Albufeiras	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
<b>K - Ardila</b>	0,166												0,166
<b>L - Pedrógão MD</b>	0,145												0,145
<b>M - Loureiro-Alvito</b>	0,150												0,150
<b>N- Vigia</b>	0,153												0,153

\*Inclui consumos clientes EDIA, ARBCAS e ADSA

**Aspetos mais relevantes a sinalizar:**

- i)-Procedeu-se à descarga de simulação da cheia em conformidade com o definido no regime de caudais ecológicos para as albufeiras de Alqueva e Pedrógão;
- ii), A albufeira de Alqueva, ainda assim, subiu sensivelmente em janeiro e, no início de fevereiro, estava já à cota (151,80), a apenas 0,20 m do seu NPA, tendo subido 1,95m relativamente ao último mês, sendo o seu volume de armazenamento útil e total de, respetivamente, 2991e 4024 hm<sup>3</sup>, portanto com mais 434 hm<sup>3</sup> que no mês passado - e correspondendo a 96% do volume útil da albufeira;
- iii) A albufeira do Alvito estava a descarregar e à cota (197,79), portanto 0,29m acima do seu NPA, tendo subido no último mês 2,06m. A barragem do Pisão também estava a descarregar e à cota (155,11), portanto 0,11m acima do seu NPA;
- iv) As outras albufeiras, a menos do Penedrão e de Brinches, estavam muito próximas do seu NPA respetivo.

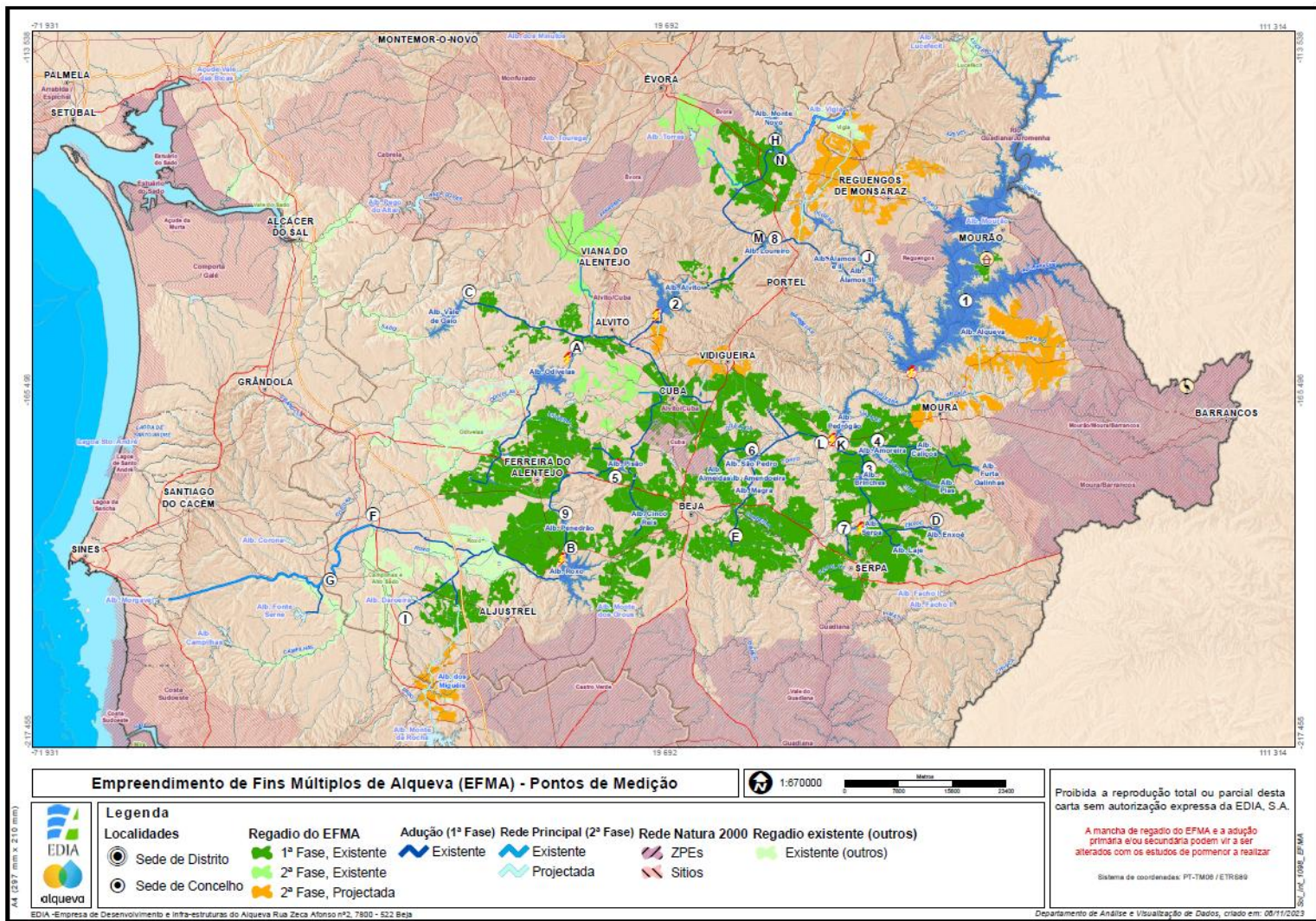


Figura 30 - Pontos de medição apresentados nas tabelas – Sistema Alqueva-Pedrogão

## **ANEXOS**

## 8. Anexo I

### Atualização dos níveis de seca hidrológica

Os níveis de seca hidrológica propostos no Plano de Prevenção e Mitigação dos Efeitos da Seca foram definidos tendo por base as séries de dados de volumes armazenados por bacia hidrográfica, considerando o período entre 1992/93 e 2019/20. Contudo, as atuais condições das reservas hídricas superficiais não são as mesmas:

- Na última década tem-se observado um aumento da frequência de períodos de seca e uma ausência de anos húmidos;
- Os padrões de precipitação têm vindo a alterar-se de forma significativa;
- Os usos associados às barragens monitorizadas no Boletim de Albufeiras têm vindo a alterar-se;
- A avaliação dos volumes disponíveis tem de integrar novas barragens, como Baixo Sabor, Ribeiradio, entre outras.

Neste contexto, importa proceder à atualização dos níveis de alerta definidos para cada bacia hidrográfica monitorizada, tendo por base um conjunto de índices, de registos históricos de secas e dos seus impactos nos diversos setores, com particular incidência nos últimos 20 anos, nas secas de 2004/05, 2011/12 e 2016/17.

Importa ter presente que reconhecer uma seca emergente, ou saber se a seca terminou, implica perceber o que é normal para um determinado local ou estação do ano e considerando períodos de tempo o mais longos possível. A compilação de dados sobre os impactos nos diversos setores assume enorme relevância na avaliação da situação de seca.

A análise dos períodos de seca hidrológica por bacia hidrográfica começou pela aplicação de um índice que permite avaliar o volume de água disponível nas albufeiras, *Drought State Index for Reservoirs (DSIR)*. Este índice aplicado às séries de volume armazenado mensal, por bacia hidrográfica, permite avaliar em cada mês o nível de seca, quando comparado na série total.

$$DSIR = \frac{1}{2} * [1 + (Vi - Vav)/(Vmax - Vmin)], \text{ se } Vi \geq Vav$$

$$DSIR = \frac{1}{2} * (Vi - Vmin)/(Vav - Vmin), \text{ se } Vi < Vav$$

Em que  $V_i$  – volume armazenado no mês  $i$ ;  $V_{av}$  – volume armazenado médio;  $V_{max}$  – volume armazenado máximo e  $V_{min}$  – volume armazenado mínimo

Procedeu-se ainda ao cálculo dos percentis 5 até 75, para a série histórica de cada mês do ano hidrológico, considerando períodos de tempo o mais longos possível. No caso das bacias hidrográficas do Guadiana e do Arade foi considerado um período de análise mais curto, tendo em conta a entrada em funcionamento das barragens de Alqueva e Odelouca, respetivamente. A bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve Sotavento, que tem ligação ao sistema Odeleite-Beliche, foi avaliada tendo em conta os volumes deste sistema. A bacia hidrográfica do Vouga não tem ainda associado níveis de alerta por ter uma série de dados que ainda não é estatisticamente representativa, será por isso apenas avaliada relativamente à média.

A informação estatística foi correlacionada com os impactos das secas nas últimas duas décadas, o que conduziu às classes de seca hidrológica constantes da Tabela 11.

Tabela 11 - Classes de seca hidrológica (Fonte: APA)

Nível de seca hidrológica	Percentis	Potenciais Impactos
Normal	]P50; P75]	Situação normal correspondente a um ano médio
Seca fraca	]P25; P50]	Seca de curto prazo com possível impactes ambientais, no cultivo e no crescimento de culturas ou pastagens. Possível fim da seca: Pastagens ou culturas não totalmente recuperadas, mas ainda com défice de água. .
Seca moderada	]P10; P25]	Alguns impactes nas culturas, pastagens, diminuição dos caudais nos rios, nos volumes armazenados nas albufeiras, diminuição das reservas subterrâneas, com alguns impactes ambientais e sociais. Garantir caudais ecológicos e usos prioritários. Seca em desenvolvimento.
Seca severa	]P5;P10]	Perdas em culturas ou pastagens; Impactes significativos no ambiente e sociais Redução das disponibilidades pode obrigar a impor restrições aos usos. Garantir caudais ecológicos e usos prioritários. Reduzir os volumes captados para usos não essenciais.
Seca extrema	<=P5	Grandes perdas em culturas/pastagens. Redução muito significativa das disponibilidades de água com necessidade de impor restrições generalizadas de água. Pode ocorrer proibição de usos não essenciais (enchimentos de piscinas, rega de jardins com água da rede, etc.) Forte impacte ambiental.

A metodologia descrita é aplicada a cada mês do ano permitindo desta forma definir níveis de alerta mensais. Assim é possível o monitorizar em contínuo do estado das reservas hídricas superficiais, por bacia hidrográfica, antecipar possíveis situações de seca e implementar medidas de prevenção de seca.

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO LIMA**

Bacia do Lima												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	29.9%	29.0%	29.7%	30.0%	35.3%	38.0%	51.7%	58.8%	56.0%	49.7%	46.3%	33.9%
P10	34.9%	30.5%	33.4%	37.5%	38.7%	46.0%	58.5%	63.8%	59.5%	53.5%	47.9%	40.4%
P25	41.6%	39.6%	51.7%	52.0%	53.3%	66.6%	72.4%	69.1%	65.8%	57.8%	52.2%	44.9%
P50	53.1%	58.1%	62.3%	63.9%	68.7%	73.5%	80.1%	81.7%	77.8%	67.5%	58.8%	52.3%
P75	60.5%	70.0%	70.9%	81.0%	77.5%	83.3%	87.4%	87.2%	82.2%	73.4%	66.4%	61.8%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO CÁVADO**

Bacia do Cávado												
Percentis	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	51.5%	48.3%	52.2%	51.0%	48.8%	50.2%	54.3%	58.5%	57.3%	52.8%	50.2%	49.7%
P10	52.1%	51.3%	55.9%	53.7%	51.3%	51.8%	56.7%	60.7%	58.5%	56.3%	54.1%	51.5%
P25	53.5%	59.7%	57.6%	58.8%	61.6%	65.8%	66.9%	69.5%	65.9%	60.6%	57.8%	54.7%

P50	59.0%	62.9%	66.3%	70.3%	72.0%	71.1%	76.3%	76.1%	72.3%	68.4%	64.6%	61.6%
P75	66.9%	69.2%	75.3%	82.2%	84.2%	83.8%	85.7%	82.0%	77.2%	73.1%	68.4%	66.2%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO AVE**

Bacia hidrográfica do Ave												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	32.6%	26.5%	37.9%	43.5%	45.7%	47.7%	59.5%	56.6%	40.7%	36.5%	30.3%	30.4%
P10	35.9%	35.3%	46.6%	49.9%	50.3%	52.3%	61.0%	59.8%	50.3%	47.2%	38.7%	32.6%
P25	42.1%	43.6%	54.7%	56.8%	62.1%	59.4%	65.8%	68.7%	59.8%	55.4%	45.7%	39.6%
P50	52.4%	64.3%	65.7%	75.8%	70.0%	71.7%	78.0%	78.6%	68.7%	61.7%	53.5%	48.0%
P75	66.2%	79.5%	97.0%	91.7%	93.5%	84.5%	88.8%	86.8%	76.4%	70.1%	64.5%	56.0%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO DOURO**

Bacia hidrográfica do Douro												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	50.4%	49.3%	53.9%	54.8%	55.1%	57.2%	57.2%	57.6%	57.6%	54.7%	52.5%	51.4%
P10	51.9%	52.7%	55.1%	55.3%	57.0%	58.5%	58.1%	62.8%	60.3%	57.2%	54.3%	53.6%
P25	56.7%	57.2%	58.0%	59.1%	61.3%	67.0%	70.5%	68.4%	66.2%	62.6%	59.4%	57.7%
P50	61.4%	60.0%	65.1%	68.0%	72.4%	74.3%	78.1%	74.9%	73.0%	68.8%	64.7%	61.6%
P75	63.1%	65.8%	71.3%	82.5%	80.5%	83.0%	80.7%	81.8%	77.2%	73.9%	71.2%	64.9%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO MONDEGO**

Bacia Hidrográfica do Mondego												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	54.3%	56.2%	57.3%	62.0%	66.6%	70.0%	80.0%	83.3%	78.6%	70.7%	61.2%	56.0%
P10	56.5%	58.1%	60.1%	62.7%	66.9%	71.0%	80.9%	85.1%	80.4%	71.7%	63.3%	57.2%
P25	59.0%	64.1%	64.8%	66.6%	69.8%	73.4%	83.3%	86.7%	83.5%	74.0%	65.6%	60.6%
P50	61.9%	67.6%	70.3%	69.6%	72.5%	79.1%	89.3%	89.6%	87.8%	78.5%	67.3%	62.5%
P75	67.5%	72.4%	75.1%	77.0%	77.2%	81.0%	92.5%	92.2%	89.8%	81.9%	71.7%	63.4%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO TEJO**

Bacia hidrográfica do Tejo												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	50%	56%	56%	54%	53%	58%	61%	63%	61%	57%	54%	50%
P10	54%	56%	57%	58%	58%	64%	65%	68%	66%	62%	58%	56%
P25	58%	59%	62%	64%	67%	74%	77%	76%	72%	67%	62%	59%
P50	63%	63%	72%	79%	82%	81%	83%	83%	80%	73%	67%	64%
P75	66%	68%	84%	89%	88%	87%	90%	88%	84%	76%	71%	68%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO OESTE**

Bacia Hidrográfica das Ribeiras do Oeste												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	22.1%	25.1%	33.1%	36.1%	36.7%	36.4%	34.0%	31.8%	28.8%	26.6%	22.2%	21.0%
P10	26.3%	32.6%	38.9%	38.0%	38.9%	39.8%	39.7%	41.4%	36.7%	32.6%	28.9%	27.0%
P25	40.5%	43.2%	48.6%	52.1%	52.1%	51.3%	55.4%	54.7%	51.4%	48.2%	44.9%	42.3%
P50	49.7%	54.2%	56.9%	61.1%	67.7%	68.8%	67.1%	68.7%	66.0%	61.6%	57.1%	52.7%
P75	65.3%	67.7%	74.6%	82.1%	86.1%	86.7%	87.8%	83.6%	78.8%	73.9%	69.5%	66.3%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO SADO**

Bacia hidrográfica do Sado												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	18.6%	19.0%	25.3%	27.4%	29.7%	36.2%	38.3%	35.2%	30.3%	24.8%	20.1%	18.2%
P10	21.0%	21.4%	27.9%	30.5%	34.8%	42.1%	43.1%	39.2%	34.8%	29.3%	24.5%	21.8%
P25	31.3%	33.3%	40.0%	41.5%	43.5%	48.2%	49.1%	50.3%	46.6%	39.6%	33.4%	30.3%
P50	40.6%	44.7%	50.8%	63.4%	64.8%	65.4%	66.7%	62.7%	56.3%	48.8%	42.7%	39.3%
P75	56.1%	58.0%	71.1%	73.7%	77.9%	84.8%	85.9%	82.7%	76.9%	69.1%	61.0%	56.9%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO GUADIANA**

Bacia hidrográfica do Guadiana												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	59.3%	60.1%	64.5%	64.5%	64.9%	67.8%	67.1%	66.3%	64.4%	62.1%	60.6%	59.9%
P10	61.5%	61.8%	64.9%	65.7%	65.3%	69.4%	68.8%	68.0%	66.6%	64.6%	62.1%	61.6%
P25	66.2%	69.4%	74.3%	73.7%	76.2%	75.9%	75.8%	75.3%	73.5%	70.1%	66.6%	65.3%
P50	74.2%	75.5%	76.1%	77.3%	80.0%	81.3%	81.1%	81.3%	78.9%	76.0%	74.5%	74.0%
P75	76.9%	79.2%	83.6%	87.5%	88.8%	89.3%	88.4%	86.4%	83.8%	81.6%	79.2%	78.2%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO MIRA**

Bacia hidrográfica do Mira												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	40.7%	41.2%	42.5%	42.4%	44.8%	44.3%	44.2%	43.3%	41.9%	40.3%	38.8%	37.8%
P10	42.6%	43.0%	48.8%	49.0%	50.3%	51.0%	50.4%	49.2%	47.8%	46.1%	44.2%	42.8%
P25	55.5%	59.2%	59.4%	61.8%	63.3%	67.2%	66.9%	65.2%	62.9%	60.3%	57.7%	55.9%
P50	71.0%	71.6%	73.2%	77.9%	77.3%	78.1%	80.5%	80.4%	77.9%	74.9%	72.3%	71.1%
P75	81.7%	81.1%	83.9%	84.9%	87.7%	88.1%	90.8%	89.3%	87.0%	84.2%	81.3%	80.0%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DO ARADE**

Bacia hidrográfica do Arade												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	33.6%	33.6%	38.6%	38.2%	40.3%	38.4%	41.9%	40.7%	38.9%	35.5%	32.0%	29.9%
P10	35.7%	36.6%	40.2%	40.0%	41.4%	45.4%	45.5%	44.5%	42.2%	38.9%	35.6%	33.4%
P25	40.3%	41.0%	48.3%	53.0%	52.4%	52.9%	52.4%	51.4%	48.2%	44.5%	40.8%	39.3%
P50	46.3%	49.1%	54.1%	55.0%	56.8%	60.4%	61.9%	61.1%	57.6%	53.8%	50.1%	47.0%
P75	56.5%	55.0%	55.3%	58.8%	61.6%	72.1%	74.8%	72.2%	68.6%	64.4%	60.3%	57.6%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO ALGARVE (BARLAVENTO)**

Bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve (Barlavento)												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	11.8%	12.7%	18.5%	19.8%	25.7%	25.2%	23.8%	21.8%	19.0%	15.7%	12.2%	10.2%
P10	17.1%	17.0%	29.9%	31.2%	32.9%	32.5%	32.7%	31.1%	28.5%	23.7%	18.8%	15.1%
P25	37.9%	45.6%	48.7%	58.0%	59.9%	61.2%	61.9%	57.6%	52.6%	46.4%	40.9%	36.8%
P50	60.1%	60.1%	68.9%	72.5%	78.8%	81.2%	80.6%	79.9%	75.5%	69.6%	64.0%	60.0%
P75	70.3%	70.9%	81.3%	91.7%	97.0%	97.3%	97.1%	93.0%	87.8%	80.7%	74.0%	70.8%

- **BACIA HIDROGRÁFICA DAS RIBEIRAS DO ALGARVE (SOTAVENTO)**

Bacia hidrográfica das Ribeiras do Algarve (Sotavento)												
Percentil	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
P5	31.0%	39.1%	43.5%	44.8%	45.0%	44.6%	46.0%	45.5%	42.9%	38.6%	33.7%	29.5%
P10	36.2%	44.7%	47.9%	49.3%	47.8%	46.7%	47.7%	51.2%	48.7%	45.9%	43.0%	39.6%
P25	46.5%	51.4%	63.4%	63.9%	67.2%	71.2%	69.4%	65.5%	61.0%	55.6%	50.4%	48.7%
P50	66.2%	69.1%	71.9%	74.9%	78.0%	82.0%	82.1%	82.8%	78.8%	74.7%	71.2%	68.5%
P75	76.5%	74.6%	76.7%	77.7%	87.0%	89.8%	89.7%	92.4%	88.3%	83.1%	78.4%	74.3%

## 9. Anexo II

### Variação da Área Cultivada em relação à campanha anterior (%) Campanha 2025/26

(Fonte: CCDR, Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve)

CULTURAS	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
Culturas forrageiras					
Milho					
Sorgo					
Aveia					
Azevém				-10	
Centeio		-5 a 0			
Consociações				-20	
Leguminosas		0			
Prados temporários		0			
Pastagens permanentes				-20 a -10	
Cereais outono/inverno:					
Trigo mole	-4 a 0	-10 a 0	a)	-60	0
Trigo duro			a)	-60	0
Triticale	0	0	a)	-60	0
Aveia	-8 a 0	-10 a 0	a)		0
Centeio	-18 a 0	-10 a 0	a)	-60	0
Cevada	-10 a 0	-10 a 0	a)	-70	0
Culturas Primavera/Verão:					
Arroz					
Batata Sequeiro					
Batata Regadio					
Feijão					
Girassol					
Grão-de-Bico					
Milho de Regadio					
Milho de Sequeiro					
Melão					
Tomate para Indústria					

a) Ainda não é possível estimar

b) Área retificada

## 10. Anexo III

### Variação da Produtividade/Produção\* em relação à campanha anterior (%) Campanha 2025/2026

(Fonte: CCDR, Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve)

CULTURAS	NORTE	CENTRO	LVT	ALENTEJO	ALGARVE
<b>Culturas forrageiras:</b>					
Aveia					
Azevém					
Centeio					
Consociações					
Milho					
Sorgo					
<b>Cereais outono/inverno:</b>					
Trigo mole					
Trigo duro					
Triticale					
Centeio					
Cevada					
Aveia		-10 a 0	a)	-40	0
<b>Culturas Primavera/Verão:</b>					
Arroz			-	0 a +300*	
Batata Sequeiro					
Batata Regadio					
Feijão					
Milho de Regadio				-30 a +60*	
Milho Sequeiro				0	
Grão-de-Bico					
Melão					
Tomate para Indústria					
Girassol					
<b>Culturas Permanentes</b>					
Alfarroba					
Amêndoa				0*	
Avelã					
Azeitona de Mesa	-40 a -10*	-20 a +90*	+10*	-15*	+ 200*
Azeitona de Azeite	-29 a +1053*	-20 a +90*	-6 a +10*	-10*	+320*
Cereja					
Castanha					
Kiwi					
Mirtilo					
Laranja					-5*
Maçã					
Noz					
Pêssego					
Pera					
Figo					
Uva de Mesa					
Uva para Vinho					

\* - Produção; a) Ainda não é possível estimar

